Ideias e Caminhos

Aperfeiçoamento de Alfabetizadores

1ª edição – 2009

Eduardo Paes
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Claudia Costin
Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos
Presidente da Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio

Maria Tereza Lopes Teixeira
Chefe de Gabinete

Luiz Filipe Coury
Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro
Diretor de Administração e Finanças

Coordenação
Marília Scofano de Souza Aguiar

Equipe Técnica
Elizabeth Gonzalez Queiroz
Leila Cristini Ribeiro Cavalcanti
Maria Lúcia Tavares Corrêa Dias

Assessoria de Mídia e Educação
Virginia Palermo

Colaboração
Denise das Chagas Leite
Norma Braga

Consultoria e Elaboração de Textos
Adriana Bittencourt Guedes
Branca Seródio Portes
Kátia Regina Ashton Nunes

Assessoria Especial SME
Valéria do Nascimento Querido
Maria Lúcia de Souza e Mello

Revisão
Jorge Eduardo Machado
Ana Lúcia Richa

Projeto Gráfico
Ana Cristina Lemos

Logotipo, Capa e Editoração
Gustavo Cadar

Ilustrações
David Macedo

Produção Fotográfica
Joanna Fontoura

Fotos
Alberto Jacob Filho

Produção Gráfica
Vivian Ribeiro

Assistente Técnico-Administrativa
Vera Lúcia Jesus de Lima

2ª edição – 2016

Eduardo Paes
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Helena Bomeny
Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos
Presidente da Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá
Chefe de Gabinete

Marinete D'Angelo
Diretora de Mídia e Educação

Rosângela F. D. S. Silva
Diretora de Administração e Finanças

Diretoria do Núcleo de Publicações e Impressos
Regina Protasio

Assessoria Especial da Presidência
Denise das Chagas Leite

Revisão
Andrea Boechat

Assessoria de Artes Gráficas e Animação
Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas
Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico e Editoração
Aloysio Neves

Ideias e Caminhos

Aperfeiçoamento de Alfabetizadores

2ª EDIÇÃO

MULTIRIO
RIO DE JANEIRO
2016

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

I19

Ideias e caminhos: aperfeiçoamento de alfabetizadores. 2. ed. (Livro eletrônico) / MultiRio. - Rio de Janeiro : MultiRio, 2016.
108 p. : il.

E-book
ISBN: 978-85-60354-36-8

1- Alfabetização. 2 – Capacitação de docentes. I. Empresa Municipal de Multimeios Ltda (Rio de Janeiro, RJ).

CDD – 371.2

Sumário

A alfabetização na sociedade letrada 6

O pensar e o sentir na aprendizagem 20

Linguagens: verbal e não verbal 33

Brinquedos, brincadeiras e jogos 46

Matemática em todo lugar 59

Era uma vez 72

Música no ar 83

Situação-problema e desafio lógico 97

A alfabetização na sociedade letrada

Mobilização

Na minha casa
todos os papéis livres
e os aviltados
- caixas, embrulhos, documentos -
todos os sítios próprios
e impróprios
estão de plantão.
Meu menino se inicia
na artimanha das letras,
campanha tão vária,
que às vezes acontecem
estratégias que escapam
camuflam-se nas toalhas
jornalizam-se nas paredes
e glorificam-se impunes
na rendição desarmada
da alfabetização.

Elza Beatriz

1º ano escolar: um ritual de passagem

Nos primeiros oito anos de vida, as crianças passam por muitas e variadas transformações em todos os aspectos. Elas crescem bastante fisicamente, seus corpos se modificam, começam a trocar a dentição de leite pela permanente, adquirem força muscular e maior controle dos movimentos corporais.

E, mais ainda, aprendem a se comunicar, falando o que pensam, a argumentar e a defender suas ideias. Começam a se deslocar, com facilidade, pelos espaços conhecidos, a compreender fatos ocorridos num passado relativamente próximo e até a antecipar outros.

Também começam a ser capazes de se relacionar com outras pessoas, de interagir e de criar vínculos. Assim, vão sendo inseridas na cultura do grupo familiar e social. Sua identidade vai se formando a partir do que vivem, do que aprendem, da consciência que começam a ter de si e do outro.

Ultimamente, o desenvolvimento da criança tem sido alvo de numerosos estudos e pesquisas. As teorias concebidas na perspectiva da psicologia evolutiva têm influenciado bastante o modo como se entende a evolução infantil. Apesar de não coincidirem em tudo, de modo geral, tais estudos indicam que o desenvolvimento humano se dá em etapas, num processo de crescimento, trocas com o meio e transformações individuais. Cada patamar alcançado pode ser visto como uma transição entre uma etapa e outra.

Em sua trajetória evolutiva, do nascimento até a morte, o ser humano vive verdadeiros

E.M. Dom Aquino Corrêa

rituais de passagem: alguns impostos pela sua própria natureza; outros são tradicionais em seu contexto sociocultural – o recebimento de um nome próprio, o batismo ou outra cerimônia religiosa, o surgimento da dentição, aprender a andar, a se alimentar e a se vestir sem ajuda.

Certos ritos são mais marcados e valorizados pelo grupo social, e outros são conquistas que fazem parte do cotidiano de toda criança e constituem os avanços de seu desenvolvimento. Às vezes, passam quase despercebidos.

Em algumas culturas, as passagens estão ligadas às funções desempenhadas pela criança em seu universo familiar (o que ela já pode fazer, no que pode colaborar). Já em outras, a idade cronológica é o que conta mais: é hora disso ou daquilo. É hora da escola.

A propósito, veja que delícia de história

Mário e Francisco, o Chico, são irmãos e frequentavam, quando crianças, a pré-escola onde sua mãe era professora.

Quando chegou a época, a família começou a preparar a ida de Mário para o curso primário, antiga denominação do Ensino Fundamental. Uniforme, cartilha, caderno, lápis preto e de cor, borracha, tudo estava sendo providenciado, todos participando, ativamente, da tão esperada passagem.

Até que um dia, o filho mais novo saiu-se com esta:

– Mãe, e quando é que eu vou para o “prichico” ?

Hoje, muitas crianças frequentam instituições educacionais desde muito cedo: creches e pré-escolas. Mas, pelas próprias características desses estabelecimentos, que oferecem um currículo baseado em atividades mais lúdicas, a entrada no ensino formal representa importante ritual de passagem para a criança e seus familiares. Independentemente do nível socioeconômico, esta é uma experiência que não “passa em branco” para ninguém: afinal, a criança está dando um passo significativo em direção ao mundo adulto e vai aprender muita coisa que, até então, era privilégio dos mais velhos. Ler e escrever, por exemplo.

E.M. Anne Frank

Além disso, na escola, passa a incorporar uma nova faceta à sua identidade. Ela, que já era um menino ou uma menina, filho ou filha, irmão ou irmã, morador ou moradora de tal lugar, talvez um "craque" na bola, no videogame ou no tamborim, agora é também um aluno ou uma aluna. Um novo grupo passa a fazer parte de sua vida, trazendo novas incorporações à sua personalidade.

Por volta dos 6 anos, graças à própria maturação e à interação com outras pessoas e com a cultura, uma criança costuma se expressar bem oralmente, faz cálculos mentais simples e comparações, lê e compreende símbolos convencionais presentes em seu universo cultural, ou seja, está em processo de apreensão do mundo escrito. Cabe à escola formalizar e sistematizar o que vem acontecendo de maneira quase que espontânea. Compete, portanto, à escola alfabetizar essa criança.

A esse respeito, é bom lembrar o que afirma Vygotsky (*Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1988): "Não é apenas uma questão de sistematização; a aprendizagem escolar dá algo de completamente novo ao curso do desenvolvimento da criança". Isso acontece porque a organização de situações de aprendizagens que desafiam a criança a fazer o que ela ainda não consegue realizar sozinha conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um conjunto de processos cognitivos, cada vez mais complexos.

A alfabetização também tem sua história e seus ritos de passagem. Ao longo dos anos, diferentes métodos e procedimentos têm sido colocados em prática na busca de ensinar melhor a todos os alunos. As mudanças, geralmente, caminham (ou deveriam caminhar) em paralelo aos estudos sobre o desenvolvimento infantil. Mas, no panorama educacional da alfabetização, muitos educadores ainda utilizam determinada metodologia porque sempre fizeram assim e dá certo (será mesmo?), e outros tantos mudam apenas porque uma teoria "entrou na moda", sem nenhuma reflexão ou convicção própria e – o pior – sem saber exatamente como transformar os princípios teóricos em prática pedagógica.

O resultado de tais equívocos pode ter impacto nos anos iniciais, nos quais muitos alunos permanecem e não aprendem.

É claro que não se pode afirmar que o método de trabalho é o único responsável pela não aprendizagem. Existem outras questões aí envolvidas que são igualmente importantes e, em geral, estão associadas às condições de vida da criança. Enfim, que existem barreiras, é claro que existem. Há que se tentar ultrapassá-las, contorná-las e acreditar que todos podem aprender. Todos.

Criar um ambiente acolhedor e favorável à aprendizagem dos alunos na escola e na sala de aula é responsabilidade dos educadores. Discussões como "começo da letra, da sílaba ou do texto?" são necessárias, mas não as únicas que importam nesse processo, que não é puramente técnico. É necessário dedicar tempo para pesquisar as propostas existentes, estudar suas vantagens e desvantagens, conhecer o percurso de cada criança, o jeito como ela aprende melhor, criar caminhos próprios e... caminhar. Até porque mais desafios virão, outros rituais e novas passagens.

E.M. Dom Aquino Corrêa

Onde está a escrita?

O mundo contemporâneo se caracteriza pela profusão e variedade de conhecimentos e informações disponíveis para as pessoas. Vivemos bombardeados por símbolos, códigos e imagens que vêm de todos os lados, desafiando a nossa curiosidade e, às vezes, é preciso reconhecer que tudo isso pode saturar a nossa capacidade de absorvê-los.

Alguns exemplos? Vamos lá.

Sentada em sua sala com a televisão ligada “para ninguém”, uma mulher, que estava distraída com outra atividade, tem a atenção despertada por um som diferente. Levanta os olhos e se depara com uma belíssima sequência de imagens na TV. Abandona o que estava fazendo, pousa as mãos e fixa os olhos e a atenção na peça publicitária.

Movida pela curiosidade, fica “ligada”, na expectativa do que viria a seguir – o que está sendo anunciado? Desvendado o mistério, podemos

afirmar que talvez aquele produto não venha a ser adquirido nunca, mas, indiretamente, passou a fazer parte da vida daquela pessoa (e de milhares de outras), até porque sua propaganda será vista (e admirada) muitas e muitas vezes.

Manhã apressada no mercado. A mãe, acompanhada da filha pequena, consulta sua lista de compras e vai colocando os produtos no carrinho. A criança olha tudo com interesse. De vez em quando, pega algo na prateleira e diz:

– Mãe, põe aí no carrinho e pode riscar na lista.

Num ponto de ônibus repleto de gente ansiosa para pegar logo a sua condução e ir para casa, veículos lotados encostam e partem mais cheios ainda. No meio da confusão, uma jovem mulher, carregada de sacolas, segura um menino fortemente pela mão. De repente, uma vozinha estridente chama a atenção de todos:

– Já vem o nosso, mãe! Tá lá atrás! – diz a criança, identificando o veículo.

De dentro de um ônibus parado no ponto enquanto muitos passageiros embarcam, um menino olha curiosamente pela janela, encantado por um grande anúncio colorido e luminoso. E se esforça, com afinco, para ler o que está vendo.

– Mm... Mi... Mâ...

E tenta e tenta, pronunciando sons quase onomatopaicos, até que do ônibus, já acelerando para partir, ouve-se o seu grito de triunfo:

– É M... (nome do produto)! Eu consegui! – vibra o pequeno leitor.

Essas e tantas outras histórias demonstram o quanto e como estamos imersos no caldeirão efervescente da cultura letrada e simbólica em que vivemos.

Vamos pensar nos bens e produtos que são comuns no cotidiano da grande maioria da população, em especial de quem vive nas cidades: telefone, rádio, cinema, jornais, revistas, folhetos informativos, livros, cartazes, outdoors, TV, DVD, computadores. É uma riqueza de meios e recursos tecnológicos que provocam a curiosidade, instigam a imaginação, disseminam informações, jorram ideias e novidades, alterando as formas de ver, de viver e de aprender.

As crianças, por volta dos 6 anos, viveram e vivem tantas e tão variadas experiências em relação ao universo da escrita e das imagens que muitas aprendizagens já foram conquistadas, ainda que de maneira incidental, assistemática, não formal. A grande responsabilidade da escola para com esses pequenos é, exatamente, inseri-los no mundo letrado de maneira organizada, sistematizada e oferecer-lhes os meios para que se apropriem do código escrito, lendo e escrevendo, para:

- Informar-se e orientar-se.
- Comunicar o que pensam e desejam.
- Adquirir conhecimentos.
- Expressar e compartilhar sentimentos.
- Fruir ideias e emoções.
- Interagir com outras pessoas.
- Ampliar o seu universo cultural.

E.M. Anne Frank

Enfim, ler e escrever para vivenciar uma cidadania mais plena na sociedade.

Desenho da aluna Samile

Uma vez compreendido qual é o papel da escola em relação a essa aprendizagem específica – Por quê? O que ensinar? –, chega o momento de refletir sobre: Como fazer?

É provável que não exista um só caminho a ser percorrido do mesmo jeito, chegando-se a um resultado sempre igual para todos. O poeta espanhol Antonio Machado (1875-1939), em seu poema *Cantares*, assim se expressou e nos instigou:

> *Caminante, no hay camino*
>
> *Se hace camino al andar.*

E também podemos tirar boas lições no diálogo entre o Gato e Alice, trecho do livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002), do escritor inglês Lewis Carroll:

> *– Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?*

> *– Depende bastante de para onde quer ir, respondeu o Gato.*

> *– Não me importa muito para onde, disse Alice.*
>
> *– Então não importa que caminho tome, disse o Gato.*

Sabendo-se para onde se quer ir e que resultados se deseja alcançar, é quase certo que os melhores caminhos surgirão com mais nitidez e facilidade.

Para ajudar na caminhada, é importante trabalhar, pelo menos, em três dimensões:

• Conhecimento de si e do mundo

E.M. Anne Frank

Quem sou eu? De que grupos sociais faço parte (família, rua, bairro, time, turma...)? O que faço? Como me divirto? O que sei? Onde vivo?...

• Conhecimento dos textos presentes na vida social

E.M. Dom Aquino Corrêa

Livros (didáticos, de histórias, de poemas), receitas, cartas, bilhetes, cartazes, embalagens, rótulos, programas televisivos e de rádio, notícias em jornal, classificados, HQs, gravuras, músicas, logomarcas, placas de ruas e de carros, sinais, obras de arte, grafites, pichações, bulas de remédios, fichas, recibos, listagens...

- **Conhecimento sobre a estrutura da língua escrita**

E.M. Anne Frank

O uso do alfabeto, o sentido e a direção da escrita (escreve-se e lê-se da esquerda para a direita e de cima para baixo), letras maiúsculas e minúsculas, a pontuação, as convenções ortográficas, a gramática, a fonética, a semântica...

A aprendizagem da leitura e da escrita pode ser uma grande travessia por tempos e lugares concretos e imaginados, nem sempre fácil, nem tão difícil assim; às vezes, clara como o sol ou, por vezes, na penumbra; ora divertida, ora tensa, como toda viagem, afinal.

A esse respeito, fiquemos com o escritor português José Saramago, que nos convida, adverte e embala no prefácio de seu livro *Viagem a Portugal* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998):

> *(...) Resigne-se pois o leitor a não dispor deste livro como de um guia às ordens, ou roteiro que leva pela mão, ou catálogo geral. Às páginas adiante não se há-de recorrer como a agência de viagens ou balcão de turismo: o autor não veio dar conselhos, embora sobreabunde em opiniões.*
>
> *Viaje segundo em seu projecto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cómodos e rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até inventar saídas desacostumadas para o mundo.*
>
> *E, se lho pedir a sensibilidade, registe por sua vez o que viu e sentiu, o que disse e ouviu dizer.*
>
> *Entregue as suas flores a quem saiba cuidar delas, e comece. Ou recomece. Nenhuma viagem é definitiva.*

Mão na Massa

As sugestões de atividades aqui propostas podem ser realizadas com toda a turma, em pequenos grupos, em duplas ou até individualmente, conforme o caso.

- Ler para os alunos, todos os dias, um texto que desperte neles o gosto, o amor pela leitura e a vontade de aprender a ler também: uma história, um poema, um versinho, uma notícia, uma curiosidade, uma adivinhação... A "hora da leitura" pode se transformar num saboroso e esperado presente oferecido no início da aula.

  Ao longo do ano, a cada dia, um aluno poderá dividir a tarefa com o professor, lendo para os colegas um texto "ensaiado" previamente.

E.M. Anne Frank

- Passear com os alunos pela escola procurando coisas escritas (cartazes, identificação de salas, banheiro, refeitório, biblioteca), lendo tudo o que encontrarem para que eles percebam a função da escrita naquele contexto.

  Fazer o mesmo nos arredores da escola e repetir essas aulas-passeio ao longo do ano, levando os alunos a descobrir o que permaneceu (placas de rua, sinais de trânsito, identificação de lojas, hospitais, postos de saúde, repartições públicas) e o que mudou (anúncios, avisos de obra, faixas, etc.).

E.M. Anne Frank

- Apresentar o alfabeto em diferentes situações, trabalhando a noção de que as letras servem para escrever nomes, palavras e textos. Segundo Emilia Ferreiro (*Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1992), "todos os objetos (materiais e conceituais) aos quais os adultos dão importância são alvo de atenção das crianças. Se perceberem que as letras são importantes para os adultos (sem que importe por que e para que são importantes), tentarão apropriar-se delas".

  Em relação ao emprego do alfabeto, sempre surge a polêmica: que tipo de letra usar? De imprensa? Bastão? Cursiva? Achamos que esta é uma decisão a ser tomada pelos professores ao avaliarem quais seriam os melhores resultados para a sua turma ou para um ou outro aluno individualmente. É preciso refletir e, até mesmo, prever vantagens e desvantagens de usar um ou outro tipo de letra.

E.M. Dom Aquino Corrêa

Atualmente, iniciar a alfabetização formal das crianças utilizando letras maiúsculas de imprensa é uma prática bastante difundida. Algumas vantagens sinalizadas:

- É um tipo de letra com o qual a criança está bastante familiarizada, considerando a sua presença quase que maciça nos lugares frequentados por ela.
- Como as letras não se "emendam" na escrita, é possível identificar cada uma, isoladamente, sem confundir o término de uma com o início da outra.
- O seu traçado é bem compatível com o amadurecimento dos movimentos da mão já desenvolvidos pelos alunos, por volta dos 6 anos de idade.

Mas essa não é uma questão de fundo na apropriação do ato de escrever pelas crianças. Cabe aos professores encontrar as maneiras que sejam mais adequadas aos seus alunos. E qualquer que seja a escolha, investir nela, oferecendo atividades que despertem o desejo e o encantamento pelo ato de escrever.

E.M. Dom Aquino Corrêa

Jogo de letras

Construir, junto com a turma, um conjunto com todas as letras do alfabeto, recortando-as de jornais e revistas e colando-as, separadamente, em pequenos quadros cortados em papel grosso. As letras, especialmente as vogais, devem ser repetidas em várias fichinhas. Cada aluno terá seu próprio conjunto, que pode ser guardado numa caixa, num envelope ou saquinho etiquetado com o seu nome e a palavra L E T R A S. Inicialmente, deixe que a turma brinque livremente com as peças, criando seus próprios jogos, identificando o que já conhecem, tentando reproduzi-las no papel, enfim, criando intimidade com esse universo.

Aos poucos, o professor vai propondo outras formas de jogar, mais estruturadas: bingo de letras; jogo da memória; sortear uma letra e procurar outras iguais em jornais e revistas; separar as letras em três grupos – as formadas só por retas, as que são curvas e as compostas por retas e curvas; tirar letras do saquinho, uma a uma, para a turma nomeá-las em voz alta e, num segundo momento, escrevê-las; solicitar que um aluno escreva uma letra no quadro para os colegas fazerem a leitura.

E.M. Dom Aquino Corrêa

E.M. México

Essas são algumas atividades mais próprias para o início do processo de alfabetização. No entanto, devem ser retomadas e enriquecidas sempre que for observado que um ou mais alunos estão apresentando dificuldades em lidar com essa questão.

Abecedário individual

Preparar uma cartela que contenha todas as letras em ordem alfabética. A cartela será colada no caderno de cada aluno, servindo como material de consulta quando bater aquela dúvida: “Como é que se faz essa letra mesmo?”. A cartela deve ser escrita com o tipo de letra escolhido para trabalhar com os alunos.

Abecedário coletivo

Preparar uma faixa (ou cartelas) com todas as letras em ordem alfabética, em tamanho que possam ser lidas de onde o aluno estiver. Colar na sala, em local de fácil visibilidade.

Bem, conhecer o alfabeto e sua função é necessário. Pode se tornar um ato mecânico e enfadonho. Mas não precisa ser assim, concorda?

Nesse capítulo buscamos:

- Refletir sobre o ingresso da criança no ensino formal.
- Reconhecer a importância de ser alfabetizado numa sociedade letrada.
- Compreender a função social da escrita.
- Identificar os diferentes gêneros textuais presentes na sociedade.
- Utilizar o alfabeto para ensinar a ler e escrever, de forma criativa.

Bibliografia

BEATRIZ, Elza. *Silêncio armado*. Belo Horizonte: Comunicação, 1987.

BERNARD VAN LEER FOUNDATION, *Cuadernos sobre Desarrollo Infantil*. Temprano nº48. La Haya, Países Bajos, 2008.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CALKINS, Lucy M. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CARROL, L. *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CRAMER, E.H.; CASTLE, M. *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, E. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1992.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1987.

PORTES, B. *Roda, pião!* Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

RIO DE JANEIRO. Ciclo de Estudos 2004. RJ: FUNDAR-SEE, 2004.

SARAMAGO, J. *Viagem a Portugal*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. MULTIEDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: SME, 1996.

_____.
Coleção Giramundo. EDGED/E-DEF, 1998.

VYGOTSKY, L. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

O pensar e o sentir na aprendizagem

A função da arte

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano

Tudo tem nome

Uma das condições essenciais para que a aprendizagem aconteça de maneira significativa é que a emoção e a afetividade mobilizem o sujeito que aprende. Trocas afetivas entre o professor, o aluno e os colegas, a sensação de acolhimento e bem-estar, aliadas a uma atitude positiva diante do conhecimento, podem representar meio caminho andado em direção a um bom resultado na aprendizagem.

Trabalhar com os nomes dos alunos como material alfabetizador é um recurso valioso para entrelaçar afetividade e conhecimento no espaço da sala de aula. Afinal, o nome próprio é a primeira marca de nossa individualidade. É a palavra que nos representa, faz parte do nosso ser e constitui a nossa identidade.

Seja herdado, inventado ou, simplesmente, o que "estava na moda" na ocasião do nascimento, gostemos dele ou não, o nome está indelevelmente atrelado à vida de cada um. A pessoa pode ser conhecida e chamada pelo nome tal como está no registro civil, pelo seu diminutivo, por uma simplificação (Cacá, Bia, Jô, Lu...) ou por outro totalmente estranho ao nome verdadeiro. Muitas vezes até, ela se identifica mais com o seu apelido. Ter um nome oficial, registrado em cartório, que conste em seus documentos, é um direito que confere a todos mais cidadania.

E.M. México

Quando o aluno se sente como personagem importante no processo de sua aprendizagem, tem sua autoestima elevada, e muita coisa pode mudar. Quer um exemplo?

Adriana é professora de uma turma de alunos com 6 anos de idade. No início do mês de março, passada a novidade dos primeiros dias na escola, uma aluna começa a dar sinais de má vontade. Custa a acordar, a se vestir, às vezes insiste que não quer ir à aula.

Certo dia, sua mãe, ao entregá-la na porta da sala, dispara a seguinte pergunta:

– Você já contou para a professora que não quer mais vir à escola?

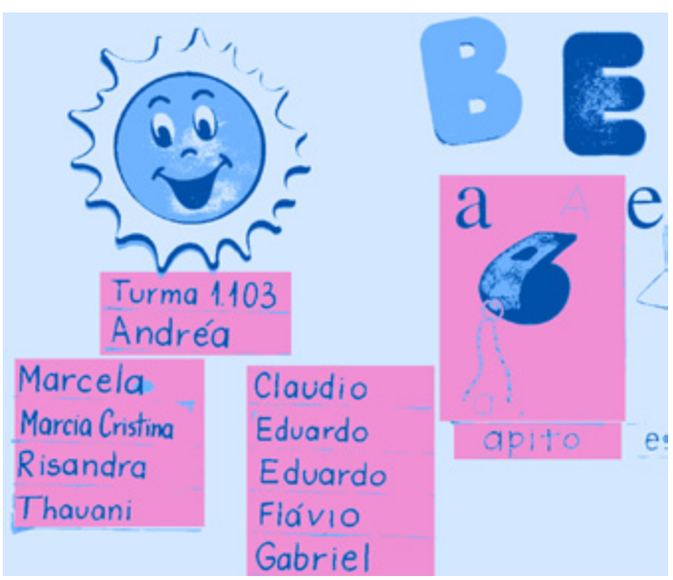
A professora, percebendo a situação e o embaraço da menina, rapidamente pergunta para ela:

– E como é que eu vou ficar sem o meu K na sala?

Karina (este é o seu nome) abre um sorriso e entra, orgulhosa de sua importância.

É claro que a interferência oportuna da professora não operou nenhum milagre; outras resistências precisaram ser vencidas com amor, acolhimento e compreensão pelo momento vivido pela criança. Mas que ajudou, ajudou. E muito.

Os nomes dos alunos oferecem, ainda, no contexto específico da alfabetização, muitas e variadas combinações entre letras e sons que auxiliam a percepção de como se escrevem e se leem determinados padrões silábicos. É um privilégio e uma riqueza didática poder contar, na sala, com um Fábio e um Felipe, com esta Helena e outra



Mural da E.M. México

Elena, com um Roberto e uma Regina, com a Karina e a Camila, com Paulo e Paula, o Clayton e o Cleiton. Isto porque a relação entre o som e a letra e a formação da sílaba serão trabalhadas e apreendidas pelas crianças a partir de seu nome – algo que lhes é familiar, caro e significativo. E o papel da escola é encantar o aluno para o que ele deve aprender.

Entretanto, alguns cuidados precisam ser observados porque, especialmente quando há sentimentos envolvidos na situação, as reações podem ser inesperadas.

Um exemplo:

Tito começou o 1º ano bem motivado, diríamos mesmo "autoencantado" pela leitura e a escrita. A professora estava realizando atividades com os nomes de seus alunos, e algumas previam a contagem das letras de cada um e também comparações: nomes com muitas letras, com poucas letras, mais ou menos letras. Foi o bastante. O menino chegou em casa e, profundamente sentido, disse:

– Mamãe, eu não quero voltar para aquela escola mais, não.

Surpresa, a mãe indagou o motivo e ouviu esta resposta:

– Porque meu nome é pequeno.

A mãe contornou o problema em casa, trocou ideias com a professora, que alterou o foco das propostas, buscando valorizar os nomes de outras maneiras também: a sua história, quem escolheu, quem ele homenageia...

Ao final do ano, Tito, que há muito havia se reconciliado com a escola, assim

escreveu, expressando seus sentimentos a respeito do que aprendera:

O livro é a casa das nosas letras e eu adoro ler e escrever

ler para minhe é como se estivese vendo umonte de bichos que mi insinava a falar as nosas piquenas letras (do) alfabeto (sic)

É claro que ainda havia um longo caminho a ser percorrido pela criança, mas a essência estava conquistada.

Tempos depois, já cursando o 5º ano, nosso pequeno escritor emocionou a todos com essa beleza de poema:

A Saudade

Saudade é a vontade

de ver o que a vida não traz

Saudade é o aperto no coração

dos que vão ou que irão

Saudade é a lembrança de uma inesquecível dança.

Esse relato mostra a importância da escuta, do olhar, da observação, da atenção que o professor precisa dispensar a cada um de seus alunos para atuar na raiz de algum sentimento negativo, um desconforto ou uma ansiedade que possam estar interferindo na aprendizagem. E também para, junto com as famílias, poder apoiar a criança em sua dificuldade.

É importante destacar que o primeiro texto do Tito foi feito no computador, recurso que ele já dominava com certa facilidade. O espaçamento desigual entre as palavras poderia ser indício de que a sua motricidade manual ainda não lhe permitisse toques leves no teclado.

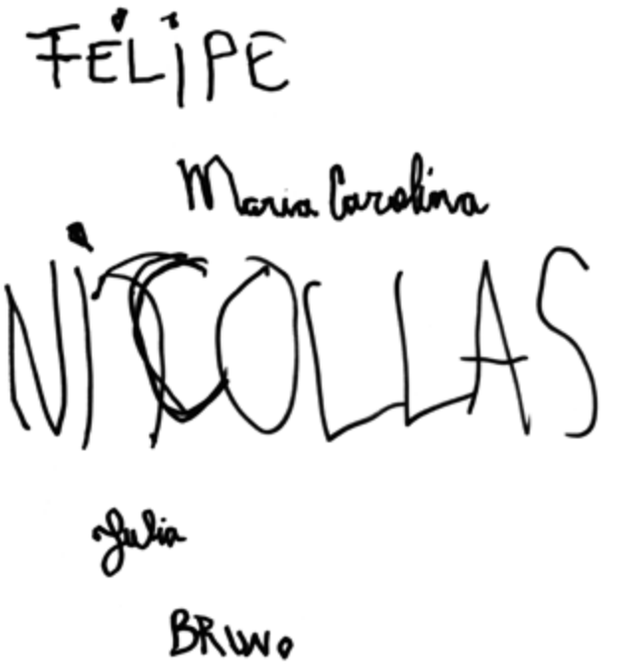
Sabemos que não são muitas as crianças que dispõem de tecnologias mais avançadas em seus lares. Por isso, reconhecendo que elas são contemporâneas deste mundo tecnológico e informatizado, ou seja, de alguma forma convivem com as linguagens e a mídia de seu tempo, bem que a escola poderia patrocinar a difusão e o uso de outros meios, além de lápis, papel e livro. Não todo dia, nem toda hora. É claro que isso não será possível e, pedagogicamente, ainda é discutível. Mas será que não vale a pena furar alguns bloqueios e tentar criar as oportunidades?

Ao utilizar os nomes dos alunos, o professor encontra um campo favorável para trabalhar dois conteúdos importantes:

- **Maiúsculas e minúsculas**

  Por que e quando a letra inicial de algumas palavras é diferente das outras? A partir da observação de coisas escritas (listagem de nomes de pessoas e objetos, de bairros, de alimentos, de cidades; início de frases, de letras de música, versinhos, parágrafos de histórias...), as crianças podem tirar conclusões sobre as regras, sem precisar memorizar antes de compreendê-las.

  Se, no início, estiverem usando as maiúsculas de imprensa para escrever, é melhor deixar esse conteúdo para um pouco mais tarde.



- **Masculino e feminino**

  Toda turma é formada por meninos e meninas. Então, a matéria-prima para se iniciar o ensino de gênero está lá, na sala mesmo. Quando o professor escreve, de um lado do quadro, MENINO, do outro, MENINA, e pede que cada um prenda o seu crachá no lugar adequado, já está oferecendo uma pista valiosa de uma regra básica da gramática. Com novos desafios, outros segredos da língua vão sendo revelados e apropriados, sem dor ou quase...

A fase inicial da escrita sempre suscita, nos professores, o seguinte dilema: corrigir ou não corrigir?

Os erros são naturais e até esperados no começo de uma nova aprendizagem. E isso vale para crianças, jovens e adultos.

Nenhuma criança levanta-se da cama ou do chão e sai andando com desembaraço sem antes tentar, cair, tropeçar, apoiar-se num móvel ou parede, ser amparada por um adulto. E nem sai "falando como um papagaio" sem primeiro experimentar sons desconexos; falar de acordo com o amadurecimento cognitivo e biológico "á", "au", "auá" (água), "calo" (carro); usar uma só palavra com valor de frase para exprimir uma vontade ou ordem, como "mimi" (eu quero dormir). Tudo isso a criança faz inserindo em sua "fala" recursos auxiliares, como apontar ou pegar o que deseja, chorar, espernear...

E ninguém pode afirmar que um jovem ou adulto, sem experiência anterior, entra num carro, dá a partida, percorre toda a cidade, dirigindo perfeitamente, inclusive lendo todas as placas orientadoras, obedecendo às leis do trânsito e, o mais importante, sem causar nenhum acidente...

Há que ensinar e há que aprender. E como tão bem cantou nosso Paulinho da Viola, na música *Coisas do mundo, minha nega*:

As coisas estão no mundo

Só que eu preciso aprender.

A língua escrita está no mundo, e sua aprendizagem, necessariamente, vai incluir idas e vindas, avanços e recuos, tropeços, rabiscos, traços malfeitos, palavras ilegíveis, enfim, nessa travessia haverá erros e muitos acertos também.

Então, voltando ao dilema do SIM ou do NÃO, talvez seja melhor ampliar esta reflexão:

- O que corrigir?
- Como corrigir?
- Quando corrigir?
- Quando é melhor não corrigir?

A esse respeito, não existe um manual com prescrições abrangendo todas as situações que ocorrem na sala de aula. Mas algumas pistas podem ser úteis:

- **Identificar que tipo de erro o aluno está cometendo**

Letra inexistente (rabisco, cobrinha...); uma única letra para a sílaba (ICZA-princesa, caXR-cachorro); letra invertida (ƨ, Ɔ); ordenação das letras (SECOLA no lugar de ESCOLA); não segmentação na frase (Erumaveiz no lugar de Era uma vez); segmentação indevida (a miga, a berta – uso do a inicial das palavras amiga e aberta como se fosse o artigo definido a);

marcas da oralidade na língua escrita (tumati, minina, buneca); hipercorreção[1] (ONEBOS); trocas de letras que representam o mesmo som (kaza, sebola).

Estes são erros bem comuns e estão relacionados à etapa do processo em que cada criança se encontra. É preciso lembrar que, se as tarefas propostas se basearem apenas na cópia de palavras dadas pelo livro ou pelo professor, os erros podem não aparecer na escrita da criança. Ou seja, dependendo da metodologia adotada, eles serão mais visíveis ou quase invisíveis.

Quando a opção feita oferece ao aluno oportunidades de pensar sobre, experimentar e escrever a partir de modelos, mas com grande valorização da escrita espontânea, a preocupação com a correção ortográfica não está em primeiro plano. Se, ao contrário, o caminho escolhido colocar as crianças em contato com determinadas sílabas, palavras e frases organizadas segundo uma ordem prevista pelo método adotado, as convenções ortográficas são priorizadas logo.

"O desejo deve mover-nos não tanto para onde chega hoje quem aprende conosco, mas para quão longe poderá chegar amanhã, como cidadão adulto, com a aprendizagem que vai construindo a cada dia no período de formação." (ÁLVAREZ MÉNDEZ, J.M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002 – p.88)

Mas será que as habilidades de ler e escrever bem se prendem apenas a uma questão de ortografia? Nesse caso, e não se trata de mero ponto de vista, a missão da escola não admite dúvidas: é preciso ensinar a escrever corretamente os diferentes gêneros textuais – literários, informativos, científicos – e a compreender e interpretar todos eles. Tendo isto claro, as metodologias estão aí mesmo para ajudar professores e alunos em sua trajetória. Há um ditado popular que diz: "Todos os caminhos levam a Roma".

Mas é preciso ter como meta "chegar a Roma" e entender o real significado desta expressão: o que quer dizer?

---

[1]Hipercorreção é muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever; por exemplo, como muitas palavras que terminam em **e** são pronunciadas com **i**, escreve todas as palavras com o som de **i** no final com a letra **e**. (Cagliari)

• **Corrigir de acordo com o momento**

Nem todos os alunos estão preparados para ter seus erros apontados no início da aprendizagem. Em alguns casos, se verifica uma inibição em continuar tentando porque, afinal, se "errar é humano", não querer errar também é. Suavidade, delicadeza e respeito são bons conselheiros nessas horas.

Num determinado dia, a professora lançou um desafio para a turma: escrever em uma folha de papel o que mais gostavam de fazer, usando uma só palavra. Depois, desenhar a atividade.

Após numerosas tentativas, riscando e apagando, quase a ponto de rasgar a folha, Vanderson, que vinha apresentando certas dificuldades, consegue escrever:

BICA DI BOA

E desenha um campo de futebol com uma bola e alguns jogadores.

De carteira em carteira, a professora ia observando o trabalho dos alunos e, quando chegou a vez daquele, trocou

com ele um olhar de aprovação, e seguiu em frente. Quando todos terminaram, cada um fez a leitura de sua atividade predileta, colando a folha no mural. Nosso menino chegou na frente e leu orgulhoso e confiante:

BRINCAR DE BOLA

A opção dessa professora, conhecendo bem o seu aluno e o ritmo com que ele vinha avançando, foi de não corrigir a sua escrita naquele momento.

Talvez, num outro dia, ela tenha se sentado junto com ele e, com a ajuda do jogo de letras, tenham refeito, os dois, a escrita do aluno. Quem sabe? "(...) avaliar é conhecer, é contrastar, é dialogar, é indagar, é argumentar, é deliberar, é raciocinar, é aprender." (ÁLVAREZ MÉNDEZ, J.M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002 – p.63).

Leonardo recebeu como tarefa de casa escrever uma frase com a palavra pipoca e escreveu:

A PIPOCA PULA NA MACINA.

A pessoa que o orientava em casa sugeriu que ele escrevesse A PIPOCA PULA NA PANELA, porque a palavra panela já havia sido aprendida em aula. O garoto respondeu, enfático:

– Mas essa pipoca não é da panela. É a que fica pulando na máquina.

Esse fato aconteceu em casa, mas poderia ter sido durante a aula. É provável que, nesse caso, a correção na hora tivesse sido muito bem-vinda. Uma boa solução seria a professora apresentar e ler outras palavras em que a sílaba **qui** aparece:

quibe

quiabo

quilo

quiosque

Procurar a palavra máquina no dicionário também funcionaria bem, e o aluno, além de não mudar a sua ideia original, aprenderia a escrever, corretamente, outro vocábulo.

▪ **Corrigir por partes**

Essa é uma forma de não "mutilar" tanto a escrita dos alunos corrigindo tudo de uma vez, além de contribuir para o aprofundamento de alguns conteúdos da alfabetização. Uma tarefa a ser proposta é definir com a turma o que será corrigido nas atividades feitas naquele dia:

– Vamos ver quem usou letra maiúscula no início dos nomes dos colegas?

ou

– Vamos observar se cada palavra está separada da outra na frase?

ou

– Vamos ver se tem o pontinho no final da frase?

ou

– Vamos ver se todos escreveram o nome da LUIZA com as letras certas?

E assim, de grão em grão, os alunos vão conquistando cada vez mais autonomia num conhecimento que será indispensável para uma participação plena na sociedade em que vivem.

Mão na Massa

- **Crachás – Confeccionar cartelas individuais (20cm x 8cm, no mínimo) e escrever o primeiro nome do aluno, no tipo de letra que estiver sendo utilizado cotidianamente, de maneira bem legível.**

CARLOS	ou	Carlos	ou	*Carlos*

E.M. México

Com esse material, propor atividades do tipo:

- Encontrar o próprio crachá entre quatro ou cinco cartelas misturadas sobre as carteiras onde os grupos de alunos estão trabalhando.
- Sortear um crachá, com todas as cartelas dentro de uma sacola, e identificar se é o próprio nome ou não. Num segundo momento, sortear e entregar o crachá ao dono ou ficar com ele, caso seja o seu.
- Identificar qual é o seu lugar na sala a partir da leitura dos crachás colocados previamente pela professora sobre as carteiras.
- Descobrir de quem é o crachá preso no quadro, apenas com a letra inicial aparecendo e as outras cobertas.
- Prender os crachás no mural, a partir da chamada do dia:

PRESENTES	AUSENTES
CARLOS	JOANA
MARIA	ROBERTO
PAULA	

Além dos conhecimentos linguísticos, a turma vai explorar, de maneira articulada, os conhecimentos matemáticos.

- Quantas crianças estão presentes hoje?
- Quantas não vieram?
- Quantas meninas estão presentes?
- Quantos meninos vieram?
- Há mais meninos ou meninas hoje? Como podemos saber?
- O que há mais: alunos presentes ou alunos ausentes?

▪ Autorretrato

No primeiro dia de aula de cada mês, a criança deve desenhar o próprio retrato e escrever o seu nome e a data numa folha ou no próprio caderno. Periodicamente, esses trabalhos são comparados, para que o aluno perceba a sua aprendizagem, tanto no desenho quanto na escrita.

Autorretrato da aluna Bruna, da E.M. México

▪ Abedecários

Confeccionar vários abecedários (A,B,C), em momentos diferentes, trabalhando a ordem alfabética (da turma, de animais, de brinquedos, de alimentos, de jogadores de futebol...).

O abecedário deve conter todas as letras, mesmo que o espaço não seja preenchido.

Assim, surgem desafios interessantes, como:

- Em nosso abecedário, todos os espaços têm nomes?
  Por quê?
- Há letra(s) com mais de um nome escrito? Qual(is)?
- Qual é a letra que tem mais nomes?
- Que letra(s) não tem(têm) nenhum nome?

ABC DA TURMA	
A _____	N _____
B _____	O _____
C _____	P _____
D _____	Q _____
E _____	R _____
F _____	S _____
G _____	T _____
H _____	U _____
I _____	V _____
J _____	X _____
K _____	W _____
L _____	Y _____
M _____	Z _____

- Sabemos que os livros didáticos, muitas vezes, precisam ser complementados com mais atividades para fixar os conteúdos, retomar algumas aprendizagens, oferecer outras maneiras de realizar uma tarefa. Alguns exemplos:

Observe o quadro com o alfabeto e pinte as letras de seu nome

A	**B**	**C**	**D**	**E**
F	**G**	**H**	**I**	**J**
K	**L**	**M**	**N**	**O**
P	**Q**	**R**	**S**	**T**
U	**V**	**W**	**X**	**Y**
Z				

Agora responda:

1 - Quantas letras tem seu nome?
_____

2 - Qual é a segunda letra de seu nome?
_____

3 - E a última? _____

4 - Desenhe um objeto que comece com a última letra de seu nome:

Circule os nomes dos alunos da turma que a professora ditar:

BRUNO	JÚLIA	CRISTIANE
GUILHERME	MATHEUS	TEREZA
ISABELLA	JOÃO PEDRO	ELENICE
BERNARDO	AMANDA	JOSÉ CARLOS

Estes são os nomes de alguns amigos da turma:

NINA BRUNO CAIO DAVI LUCAS CAMILLA LUÍSA

A) Circule de vermelho os nomes que começam com a letra **c**.

B) Circule de verde o nome que começa com a letra **n**.

C) Circule de amarelo o nome que começa com a letra **b**.

D) Escolha uma outra cor e circule o nome que começa com a letra **d**.

Nesse capítulo buscamos:

- Compreender a relação entre os aspectos cognitivos e socioafetivos da aprendizagem.
- Valorizar a leitura e a escrita dos nomes dos alunos como recursos didáticos.
- Identificar alguns conteúdos básicos na alfabetização: letra inicial e final, relação letra/som, ordem alfabética, maiúsculas e minúsculas, masculino e feminino.
- Discutir formas de correção nos anos iniciais da escolarização.

Bibliografia

ÁLVAREZ MÉNDEZ, J.M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CARVALHO, M. *Guia prático do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1994.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

GONI, J.O. *Rumo a uma avaliação inclusiva*. Porto Alegre: Artmed, Pátio, ano 3, nº 12, 2000.

HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1993.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1987.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. MULTIEDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: SME, 1996.

_____.
Coleção Giramundo. EDGED/E-DEF, 1998.

WEISZ, T. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

Linguagens: verbal e não verbal

O primeiro livro que li foi o papel roxo da maçã que meu pai trazia como presente de longas viagens. A gente punha o papel roxo sob o travesseiro, sentia o cheirinho e ficava imaginando uma terra onde brotassem macieiras.

Bartolomeu Campos de Queirós

(apud BAGNO, Marcos. *O papel roxo da maçã*)

Escrita e imagem: como ler o que não está escrito?

Caverna de Altamira, na Espanha/wikipedia

Linguagem é toda forma de comunicação entre as pessoas. Diariamente nos comunicamos e nos expressamos das mais diferentes formas, seja por meio das palavras, faladas ou escritas, seja por gestos e imagens. Quando verbalizamos a nossa comunicação – utilizando palavras –, dizemos que esse modo de expressão se chama **linguagem verbal**. Isso evidencia os diálogos orais e os escritos: cartas, bilhetes, textos narrativos, poemas, reportagem de jornal escrito ou televisionado, entrevistas, bate-papos.

Há casos, entretanto, em que nossa comunicação não se efetiva verdadeiramente por meio de palavras, mas sim por signos visuais e gestuais que apresentam uma poderosa forma de expressão, vindos carregados de sentidos. Chamamos, então, de **linguagem não verbal** essa comunicação que não utiliza o vocábulo, a palavra: uma dança, um quadro, uma placa de trânsito, um apito, até mesmo um bocejo. Mas observe os exemplos abaixo:

Não deixar água parada dentro dos pneus.

Desenho da aluna Julia

Ilustração *Se essa rua fosse minha...*
Cartaz da revista *Nós da Escola* nº 6

O que há de comum entre essas formas de expressão é que todas possuem a **linguagem verbal** (palavra) e a **linguagem não verbal** (imagem) juntas, formando um quadro de significação exemplar para entendermos as várias possibilidades da comunicação em sua riqueza e criatividade. Além disso, vale lembrar que, na sociedade contemporânea, a prática da leitura tem unido cada vez mais texto e ilustração, e a escola precisa ser um espaço de aprofundamento e desenvolvimento dessa habilidade: identificar, analisar e avaliar a relação escrita-imagem.

As representações mentais e o grafismo

Ao longo dos anos, foi uma manifestação de expressão e comunicação objetiva e subjetiva do ser humano a ação de rabiscar, desenhar e escrever. Marcar sua passagem com mensagens que registrassem suas

ações, seus pensamentos, desejos, conflitos, enfim, sua história sempre foi característica primordial do humano. A criança, entretanto, no desenvolvimento de suas capacidades motoras e sensoriais, encontra nos objetos de expressão – giz, tinta, lápis, hidrocor, massinha – a chance de deixar seu registro. Só mais tarde, com o passar do tempo, esse registro começa a ter a intenção de se fazer reconhecer e entender pelo grupo.

E.M. Anne Frank
Pelo desenho, a criança começa a comunicar suas experiências, apresentando tudo o que é significativo para ela

> *A passagem da atividade motora para a simbolização ocorre quando a criança, pela primeira vez, produz uma forma que ela interpreta como semelhante a algum objeto do seu meio (na maioria dos casos, a primeira forma simbólica é a figura humana). À medida que tais marcas se tornam simbólicas, a criança começa a construir círculos, retângulos, triângulos, etc. e a combiná-los em padrões mais complexos, estabelecendo um vocabulário de linhas e formas que são as bases da construção da linguagem gráfica. A partir de então, a criança cria esquemas, padrões fixos, para objetos e constrói estratégias gráficas para explorar as possibilidades espaciais oferecidas pelo papel. Entre 5 e 7 anos, as crianças desenham com notável expressividade, organização e prazer. Há uma necessidade afetiva de expressar-se num domínio simbólico, buscando entender o mundo e elaborar sentimentos em relação a temas que lhe são caros.*

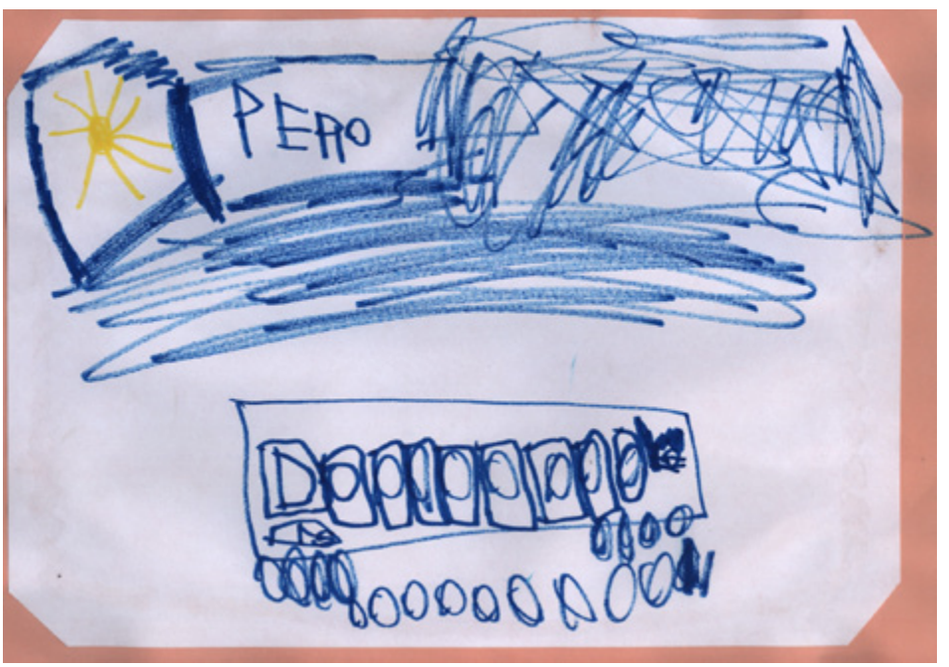
PILLAR, A.D. *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Os recursos simbólicos vão se tornando mais complexos para a criança à medida que ela se desenvolve. As percepções e experiências ligadas diretamente aos objetos vão sendo substituídas por uma elaboração mais sofisticada e diversificada ao lidar com situações que denotam uma representação vinculada mais a sua percepção e emoção e menos à reprodução dos objetos e da realidade.

No início, se dermos à criança uma caixa de giz de cera com cores variadas, ela usará cada uma das cores, sem qualquer pretensão de expressar coisa alguma. É a conhecida fase das garatujas.

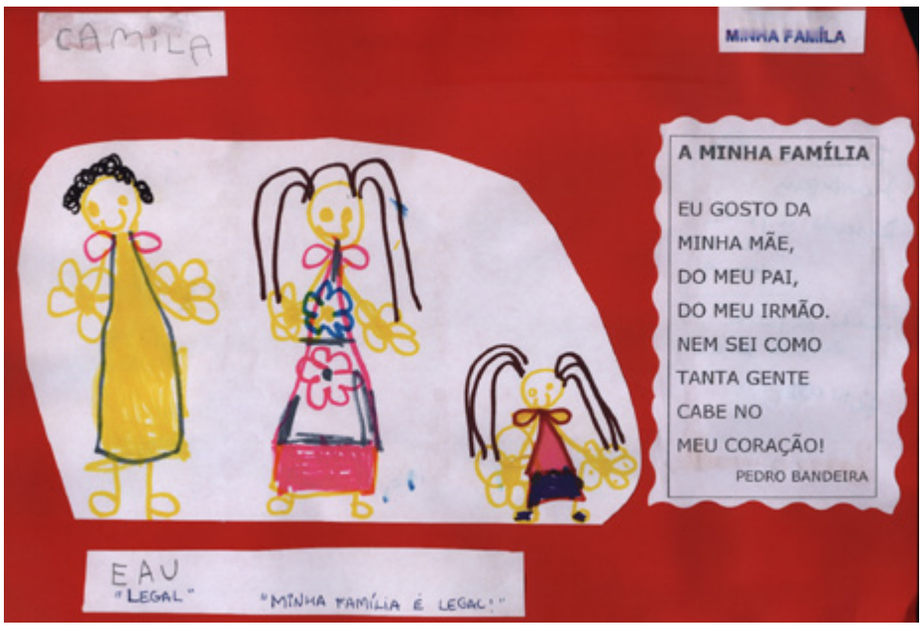
Desenho da aluna Julia

Espontaneamente, movimentos circulares, lineares, pontilhados e ondulações vão sendo desenvolvidos em sua necessidade de experimentação e curiosidade.



Desenho do aluno Pedro

Em seguida, as garatujas começam a ganhar nomes e detalhes como olhos, pernas, braços e até cabelos. Nessa fase, começa a existir uma intenção de linguagem escrita, pois desenhará os que estão mais próximos, como pai, mãe, irmã, bem como ela mesma. A proporção está ligada tanto ao tamanho real quanto ao tamanho emocional. As pessoas mais queridas são desenhadas em tamanho maior que as de menor afinidade.



Desenho da aluna Camila

A leitura e a escrita

Após um longo período de comunicação pela oralidade, vários grupos sociais ampliaram essa oralidade com a invenção de um sistema de signos gráficos codificados – a escrita. O caminho da leitura não foi igualmente simples e se fez, fundamentalmente, pela decodificação dessa língua escrita – sistema de signos elaborados socialmente. Entretanto, Magda Soares, em seu livro *Letramento – Um tema em três gêneros* (Belo Horizonte: Autêntica, 2003), ensina que a prática da alfabetização não pode se limitar à codificação e decodificação da língua. É preciso exercer as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que se vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Considera-se, portanto, a língua como um sistema de interlocução entre sujeitos que vão construindo sentidos e significados em trocas linguísticas, de acordo com o contexto de suas próprias percepções e experiências. É importante lembrar, então, que a língua portuguesa falada no Brasil, diante de sua variedade regional, social, econômica e política, vai apresentar evidentes diferenças, e precisamos nos preparar para isso. Chico Bento, personagem de carisma nacional criado por Mauricio de Sousa, reflete muito bem a diferença que pode haver dentro de um mesmo grupo, num mesmo lugar.

> *À medida que crescemos, lançamo-nos às aventuras dos sons articulados, do falar, da língua. Logo passamos a desenhar, a começar a delinear formas na página branca do papel. Começamos a reconhecer letras, sílabas, textos: a escrita abre novas possibilidades para a linguagem que, oralmente, já conquistamos. Depois de aprender a decifrar textos, estaremos lendo o tempo todo – para sempre. Qualquer palavra que surja a nossa frente é imediatamente decodificada.*

Carla Caruso, in: www.brasilescola.com.br

Ortografia

A ortografia é a parte da língua responsável pela grafia correta das palavras. Essa grafia baseia-se no padrão culto da língua. O ensino da ortografia, para os que estão se iniciando nos conhecimentos da escrita, precisa ser feito com cautela, lembrando as relações em que as hipóteses são elaboradas: letra e fonema (som) ainda parecem ser um elemento único e indissociável. Portanto, vamos ler com frequência nas redações: caza, fazi, naum, etc. Mesmo porque existe uma gramática natural, como nos ensina Celso Pedro Luft (em *Língua e liberdade*. Porto Alegre: LP&M,1985), que internalizamos e com a qual, frequentemente, fazemos muitas associações.

Com o amadurecimento e a leitura, somada às atividades de compreensão e interpretação de textos, todas essas dificuldades (que não são arbitrárias) vão sendo superadas. Mas o tempo de aprendizagem ortográfica é muito singular e, por vezes, perdura ainda na idade adulta.

Vejam que bom exemplo, descrito a seguir, sobre a apreensão de regras para crianças em suas brilhantes hipóteses:

A professora havia ensinado "mil vezes" a regra: antes de **p** e **b** se escreve **m**. O aluno continuava errando ao escrever, por exemplo, banbu, canpo... Até que um dia, ao ser corrigido, assim falou:
– Mas, professora, nessa palavra não tem **p** e **b**.

Será que o que falamos (ou a regra que ensinamos) está claro para todos? É bom se certificar sempre. Isso pode evitar que a correção deixe o aluno ainda mais confuso.

É muito importante que os professores incentivem, na alfabetização, a construção de frases, textos (ou em qualquer atividade escrita ou oral), a coerência, a formulação das ideias, a organização de histórias em que os personagens tenham nomes, descrições que façam sentido para o contexto do enredo. Ou seja, que valorizem o conteúdo das produções de texto, evitando criar um bloqueio na criatividade das crianças. A forma correta das palavras pode ser reforçada com atividades lúdicas, como as cruzadinhas, a brincadeira da forca, ou com um quadro bem grande no qual o vocabulário aprendido no dia será escrito com cores vibrantes e lido em voz alta por toda a turma.

> *Quando analisamos cuidadosamente cada uma das estratégias utilizadas na escrita e na leitura, percebemos que as crianças estão sempre em busca de uma regularidade no sistema de escrita. Essa busca pela regularidade só é vencida quando as hipóteses das crianças são contrariadas pelos dados de realidade. É neste momento que o aprendiz dá o grande salto com relação à compreensão do sistema ortográfico. Cabe à escola, portanto, estar a par desse processo e usá-lo, como forma de fazer com que a criança evolua mais rapidamente na utilização das regras ortográficas.*

MORAIS, Artur Gomes de. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

A linguagem jornalística

> *Reportagens têm por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser constatadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos relevantes. Para tanto, elas se valem de ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigação jornalística.*

Manual de redação. Folha de S. Paulo, 7.ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

A definição destacada acima nos evidencia dados importantes para a conceituação da linguagem jornalística, entre as quais a objetividade. A notícia, o fato precisa ser esclarecido ao leitor de forma que este possa refletir, mas ainda não julgar, e tecer suas considerações. Por isso, a peculiaridade da reportagem está justamente calcada na resposta a seis perguntas fundamentais: o que aconteceu, quem fez acontecer, quando aconteceu, onde aconteceu, como aconteceu, por que aconteceu. Essas seis perguntas são chamadas, nas redações de jornais, de *lide*, a essência da matéria, seja ela investigativa ou não.

Mas precisamos lembrar que, se linguagem, como vimos anteriormente, é toda forma de comunicação verbal e não verbal, a linguagem jornalística está repleta de formas diversificadas de comunicação e expressão, tais como: fotos, charges, tiras, resenhas, crônicas, ilustrações, editoriais,

cartas, reportagens... numa babel original, de diferenças que se complementam e nos oferecem um manancial fantástico de ensino e aprendizagem. Além disso, a linguagem jornalística apresenta ao leitor, de forma muito concreta, a funcionalidade social da leitura/escrita à flor da pele. Nos jornais, por sua atualidade e velocidade, professores e alunos podem descobrir juntos não só informações e conhecimentos preciosos, como também regras fundamentais que norteiam a sua língua materna.

Vejam a qualidade das observações e denúncias que um grupo de crianças de um condomínio em Niterói fez, a partir das experiências que tiveram na escola, aplicando com adequação a objetividade jornalística e também os conhecimentos tecnológicos adquiridos nas aulas de informática. Há um pouco de tudo: nome, data, chamadas, fotos, legendas explicativas para cada foto, entrevista e os créditos, merecidos, a cada componente-repórter.

Jornal do Curumim

08/03/2009

Não podemos esquecer que hoje é o dia internacional da mulher então parabéns para todas as mulheres do Brasil.

Melhorias para o condomínio

A quadra de grama está quase sem grama.

O portão está empenado.

Ameaça de dengue nos dias de chuva.

Entrevista com o funcionário Edilson

Jornal do Curumim: Você está gostando de trabalhar aqui?

Edilson: Estou gostando muito.

J.C: Por que você veio trabalhar aqui?

E: Na verdade o Dedé me indicou para trabalhar aqui no condomínio.

J.C: Você pretende ajudar a melhorar o condomínio?

E: Eu estou aqui para ajudar.

Créditos

Repórter: Giovanna Thomas / **Editor:** Caio Bittencourt / **Fotógrafo:** Tito Guedes

Se você quiser fazer uma crítica ou uma sugestão para o *Jornal do Curumim*, mande um e-mail para: curumim_uba@terra.com

O parágrafo

O parágrafo é o conjunto de frases que formam uma sequência com sentido e lógica. É uma estrutura que compõe um texto e pode ser longo, médio ou curto, dependendo do tipo de produção textual. O importante, entretanto, é saber que, para mudarmos o parágrafo, precisamos dar um enfoque diferente do que já vinha sendo abordado no texto. Nada que mude radicalmente, mas uma nova situação ou novidade sobre o assunto já pode marcar uma mudança de parágrafo.

Vejam a produção textual de um menino de 7 anos, chamado Pedro, após uma aula sobre a importância do parágrafo em um texto jornalístico:

O casal do futuro

Um dia um casal do futuro estava pensando em ter um filho, um deles não quis, eles discutiram e tiveram que se separar por um tempo.

Os dois não pararam de pensar um no outro, até que um dia, por acaso eles se encontraram na rua, conversaram e quando ficou aquele "silêncio amoroso" eles partiram para os abraços e beijos.

Eles voltaram a morar junto e tiveram dez filhos. Estão sempre precisando de dinheiro pra cuidar da filharada e moram num lugar muito feio. Mais mesmo assim são felizes.

Isso é tanta modernidade que eles são considerados o casal do futuro!!! (sic)

Diante das possibilidades de conteúdo em um jornal, esse texto poderia exemplificar uma crônica jornalística mais subjetiva, com um quê de ficção, mas antenada nos acontecimentos contemporâneos. O importante é notar como um menino de 7 anos conseguiu, em uma pequena história, perceber e executar bem o sentido do parágrafo.

Mão na Massa

- Como no início as crianças costumam confundir imagem e escrita, é interessante trabalhar com placas indicativas, logomarcas, anúncios só com desenhos, só com escrita e conjugando as duas linguagens. A turma pode criar seus próprios desenhos para as rotinas e participar do planejamento do dia ou da semana:

22 de maio sexta-feira				Recreio			

25 de maio segunda-feira				Recreio			
26 de maio terça-feira				Recreio			
27 de maio quarta-feira				Recreio			
28 de maio quinta-feira				Recreio			
29 de maio sexta-feira				Recreio			

- Apresentar para a turma a capa de um livro de literatura, cobrindo o título. As crianças vão criar, oralmente, um texto coletivo a partir da imagem, e a professora escreve o que os alunos ditarem. Ler para eles o texto do livro e comparar as duas histórias, descobrindo semelhanças e diferenças nos personagens, nos enredos, nos finais, nos títulos.

E.M. México

- A atividade aqui proposta pode ser desenvolvida de formas diversas, de acordo com o perfil da turma.

  Para o grupo que ainda apresenta dificuldades de criação e de desenvolvimento da escrita, dividi-lo em pares ou trios de alunos. Para cada par ou trio de alunos formado, apresentar o jornal, seu tamanho, as letras em suas variadas formas, ilustrações, fotografias, manchetes. Na cartolina, duplas ou trios vão recortar e montar um novo jornal com os assuntos que acharam mais significativos. Pode-se, simplesmente, sugerir a análise de uma fotografia bastante significativa; a criação de um pequeno texto (oral ou escrito) sobre a fotografia escolhida; recolher tirinhas dos jornais e pedir que reinventem um novo diálogo entre os personagens; recortar as palavras de algumas manchetes e solicitar que sejam colocadas em ordem de sentido.

  Já o grupo que apresenta um certo domínio no reconhecimento da leitura e escrita pode ser separado em pares ou trios e dividido por tarefas importantes na confecção de um jornal, com as mais

E.M. México

variadas linguagens. Uma dupla fica responsável pela fotografia (ou desenho), outra pelo desenvolvimento da notícia fotografada (ou desenhada), a terceira dupla fica com o entretenimento do jornal: tiras, palavras cruzadas, crônicas, carta ao leitor... A quarta precisa ter a responsabilidade pela apresentação estética do jornal, formatando, diagramando, verificando os espaços vazios.

Por fim, ou no início, todos escolhem o nome. Havendo recursos para imprimir, xerocar e distribuir, ótimo. Não havendo, pode-se fazer artesanalmente e afixar em um mural bem localizado, para que todos possam ver essa produção jornalística.

Nesse capítulo buscamos:

- Refletir sobre a importância das representações mentais e do grafismo no desenvolvimento da criança para a aquisição da escrita.
- Compreender e identificar diferentes possibilidades de leitura entre textos e figuras: linguagem verbal e linguagem não verbal.
- Refletir sobre a importância do desenho no desenvolvimento da motricidade.
- Verificar a importância da diversidade na produção infantil – desenho, escrita e oralidade.
- Reconhecer o texto jornalístico como importante material para a aquisição da leitura e da escrita.
- Identificar situações ideais para a correção da ortografia.

Bibliografia

BAGNO, Marcos. *O papel roxo da maçã*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1989.

_____ . *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem*. São Paulo: Quíron, 1976.

_____. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. Porto Alegre: LP&M, 1985.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Manual de redação. Folha de S. Paulo, 7ª edição. São Paulo: Publifolha, 2001.

MORAIS, Artur Gomes. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PILLAR, A. D. *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOARES, Magda. *Letramento - Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Brinquedos, brincadeiras e jogos

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem de sua liberdade de criação. As brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada.

D.W. Winnicott

Brincando e jogando com a Matemática

Brincar é uma atividade do cotidiano da criança em que ela expressa os seus modos de pensar, ordenar e construir a realidade.

Um aluno bem pequeno estava magnetizado pelo personagem do Super-Homem e só andava devidamente "uniformizado", inclusive na escola.

Certo dia, a professora, para identificar um desenho feito por ele, fez a seguinte provocação:

– Dita o seu nome para eu escrever aqui.

A resposta veio rápido:

– Clark Kent.

Quem não gosta de brincar?

As brincadeiras sempre fizeram parte do universo infantil e são de fundamental importância para o desenvolvimento social, físico, emocional e cognitivo das crianças.

Hoje, mais do que nunca, elas devem estar presentes em todas as escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, já que muitas crianças estão iniciando sua escolaridade cada vez mais cedo.

> *"Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo."*

Dornelles, apud Craidy, 2001, p.104

Além do caráter lúdico, o jogo favorece a realização de atividades pedagógicas. Para tanto, inicialmente devemos conversar sobre a brincadeira com os alunos. Conhecem? Já brincaram? É uma brincadeira coletiva? Quantos podem participar? Em alguns momentos, ao final da brincadeira, podemos pedir aos alunos que registrem, por meio de desenhos, tabela ou por escrito, essa brincadeira e as descobertas feitas.

Quando brinca, a criança se defronta com desafios e diferentes problemas, realiza contagens, compara quantidades, explora sequência numérica, desenvolve noções de tempo e espaço, faz estimativas que envolvem diferentes grandezas, além de desenvolver a atenção, a cooperação, habilidades corporais e muito mais.

É fundamental utilizar uma variedade de jogos e brincadeiras nas aulas.

O jogo cria um clima adequado para a investigação e a solução de muitos problemas, e, por meio deles, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conceitos matemáticos importantes. O jogo desenvolve a habilidade de a criança pensar de forma independente, contribuindo, assim, para o seu processo de construção do conhecimento lógico-matemático.

> *Um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver.*

PCN MAT, p.49

Brincar faz parte da cultura de um povo. Os brinquedos e as brincadeiras são transmitidos de pais para filhos desde a Antiguidade, em todos os continentes, variando por característica e cultura de cada região, e sempre fascinaram a humanidade.

Muitos artistas se inspiraram ao longo dos séculos nas brincadeiras infantis. Podemos citar: Pieter Brueghel, Candido Portinari, Goya, Orlando Teruz e muitos outros.

La cometa (*A pipa*) de Goya

O artista plástico que vamos conhecer agora é Ivan Cruz.

Ivan nasceu em 1947 nos subúrbios do Rio de Janeiro. De 1990 até hoje, pintou cerca de 150 quadros com cores fortes e variadas, retratando mais de cem brincadeiras distintas, e chamou essa série de *Brincadeiras de Criança*. Pintou em suas telas: piões, crianças pulando corda, jogando bola de gude, pulando amarelinha, soltando pipa, pulando carniça...

Seu ateliê é em Cabo Frio, cidade do Rio de Janeiro. Além de telas, faz esculturas em bronze sobre o mesmo tema. Em suas exposições, as pessoas costumam participar de oficinas de brincadeiras e confecção de brinquedos, apreciar contadores de história, além de vivenciar uma ambientação com músicas de época, como cantigas de roda...

Observe duas obras de Ivan – uma tela e uma escultura – retratando crianças soltando pipa, papagaio, pandorga e muitos outros nomes que esse brinquedo recebe.

www.brincadeirasdecrianca.com.br

Ivan Cruz – Série *Brincadeiras de Criança*

A pipa é um brinquedo muito popular, que diverte e encanta crianças e adultos de todas as idades, desde a sua origem até os dias de hoje. Originária da China, inicialmente atendeu a fins militares; mais tarde, ficou popular em todo o Oriente e na Europa. Foi trazida para o Brasil no século XVI pelos portugueses. As pipas também tiveram, ao longo da história, grande importância nas pesquisas e descobertas científicas.

O grande cientista Benjamin Franklin demonstrou, em 1752, a importância das pipas na história da Ciência, descobrindo o para-raios.

As pipas também inspiraram o brasileiro Alberto Santos-Dumont na construção de seu 14-BIS. Usando um conjunto de pipas em formato de caixas, o 14-BIS fez o seu primeiro voo em 1906.

O grande escritor mineiro Rubem Alves fala sobre a felicidade de se empinar papagaios de papel.

> *E a felicidade de empinar pipas? A felicidade começa quando a gente faz a pipa. Não me esqueço do que senti quando, menino de pés descalços, consegui pôr uma pipa lá em cima pela primeira vez! Fazer pipas é uma arte. Empinar pipas é um prazer!*

Seria interessante chamar familiares e funcionários da escola para, junto com os alunos, construírem diferentes pipas e depois desfrutarem, juntos, a felicidade descrita por Rubem Alves. Entretanto, antes de empinar as pipas, devem-se tomar alguns cuidados. Por exemplo: soltar apenas em espaços abertos que não tenham fios e por onde não passem redes elétricas, evitar pipas em telhados ou lajes e nunca usar cerol – uma mistura de cola de madeira e vidro moído.

Desenho do aluno Pedro

Sugerimos, também, levar para a sala de aula obras que retratem outros brinquedos e brincadeiras, explorando a origem destes e suas regras.

Ivan Cruz quer, com seu trabalho, resgatar ao máximo o lúdico mundo das brincadeiras, já que muitas crianças passem a maior parte do tempo à frente de TVs e videogames, deixando de aproveitar as brincadeiras ao ar livre.

No mundo atual, a tecnologia, a violência, a redução do espaço físico, o incremento da indústria de brinquedos e a influência da propaganda têm contribuído para a modificação dos brinquedos e das brincadeiras infantis. Hoje, multiplicam-se os brinquedos eletrônicos e de controle remoto.

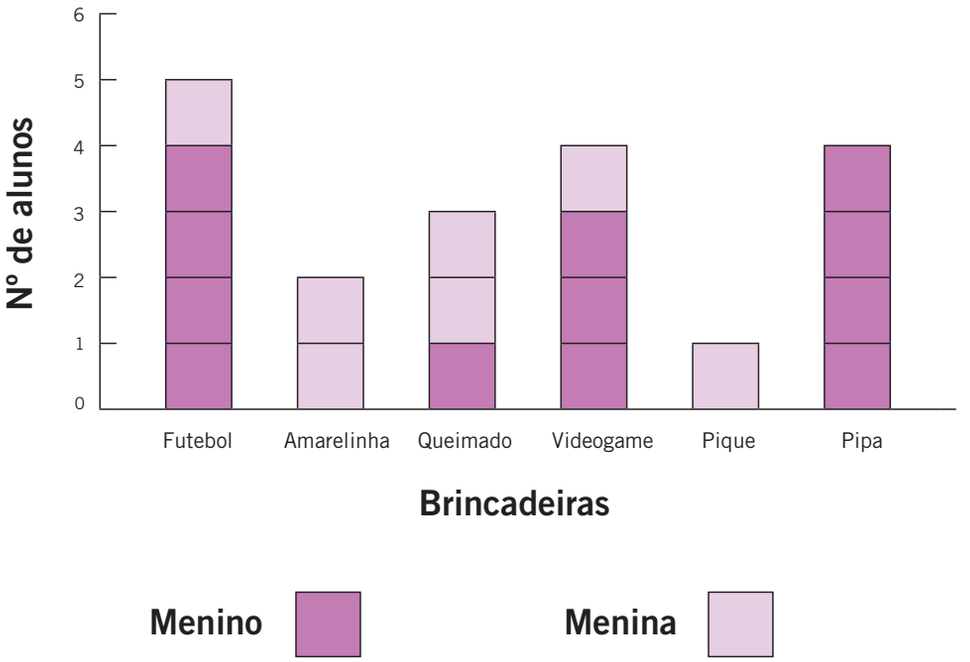
Sem querer abrir mão dos avanços que caracterizam o mundo contemporâneo, é muito importante também preservar nossa cultura, nosso folclore. Precisamos urgentemente trazer de volta os jogos e as brincadeiras do passado para dentro do ambiente escolar, já que, como diz Iberê Camargo:

> *Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar a ver e compreender o momento que estamos vivendo.*

Vamos, então, propor que os alunos conversem com seus familiares e vizinhos, e conheçam suas brincadeiras preferidas.

Podemos também fazer uma pesquisa em sala sobre a brincadeira preferida de cada aluno, coletar os dados e montar um gráfico de barras.

Brincadeiras preferidas



Uma das etapas mais importantes da montagem do gráfico é a sua leitura e análise. Vamos fazer a atividade coletivamente?

1) Quantos meninos votaram?
2) Quantas meninas votaram?
3) Quantas crianças votaram?
4) Qual a brincadeira favorita do grupo? Quantas crianças votaram nela?
5) Qual a brincadeira favorita das meninas? E dos meninos?
6) Quantos alunos não votaram em futebol?
7) Qual a brincadeira menos votada pelo grupo?
8) Qual a diferença de votos entre a primeira e a segunda colocada?
9) Quantas são as brincadeiras escolhidas que utilizam bola?
10) Quantas são as brincadeiras escolhidas que são coletivas?
11) Quantas crianças escolheram futebol e pipa?
12) Qual a sua brincadeira favorita? Desenhe.

Desenho da aluna Isabela Sales

E por que não promover na escola um grande encontro entre diferentes gerações para todos brincarem juntos? Brincar é tudo de bom!

Brinquedoteca

> *Na parede de um botequim de Madrid, um cartaz avisa:*
> *Proibido cantar.*
>
> *Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa:*
> *É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem.*
>
> *Ou seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.*

Eduardo Galeano

O que é uma brinquedoteca? De acordo com Nylse Cunha, criadora da primeira brinquedoteca do Brasil , "é um espaço onde as crianças vão para brincar livremente, com todo o estímulo à manifestação das potencialidades e necessidades lúdicas. Muitos brinquedos, jogos variados e diversos materiais que permitam expressão de criatividade" (Cunha, 2001, p.15).

Cada vez mais a presença da brinquedoteca no espaço escolar é desejável, já que atualmente a maioria das crianças dispõe de pouquíssimos espaços para brincar e criar suas próprias brincadeiras, para criar novas regras para as brincadeiras já conhecidas, para aventurar-se na fantasia. É preciso resgatar o direito de a criança ser criança.

É muito importante criar esse lugar, esse rico ambiente alfabetizador. Ele deve ser um local agradável, alegre e colorido, ser um espaço de socialização, descobertas, interação, comunicação. Nesse espaço, deve-se procurar resgatar as brincadeiras

antigas, como pular corda, jogar peteca, brincar com bolinha de gude e com pião, brincar de amarelinha, brincar de roda, etc.

Desenho da aluna Isabela Sales

Deve ser um local habitado por muitos livros, gibis, fantoches, jogos, quebra-cabeça, roupas e acessórios, fantasias, tintas, massinha, papéis de dobradura, etc. Um espaço onde as atividades serão bem diversificadas. Nele, as crianças dramatizam, brincam de faz de conta; uma hora são reis, rainhas, outra, são viajantes do espaço, super-heróis, fadas, bruxas e tudo o mais que a imaginação alcançar.

Nesse espaço, as crianças constroem seus próprios jogos e brinquedos, com materiais simples ou sucatas. Criam bolas de meia, cavalinhos de pau, boliche com garrafas PET, petecas com jornal, etc. Assim, desenvolvem a criatividade, a imaginação, a fantasia e tomam ciência da necessidade de reaproveitar e reciclar materiais como latas, papéis, embalagens, garrafas PET, etc., desenvolvendo hábitos que contribuem para a preservação do nosso meio ambiente.

> *A professora pedia e a gente levava,*
> *achando loucura um monte de lixo:*
> *latas vazias de bebidas, caixas de fósforo,*
> *pedaços de papel de embrulho, fitas,*
> *brinquedos quebrados, xícaras sem asa,*
> *recortes e bichos, pessoas, luas e estrelas,*
> *revistas e jornais lidos, retalhos de tecido,*
> *rendas, linhas, penas de aves, cascas de ovo,*
> *pedaços de madeira, de ferro ou de plástico.*
> *(...)*
>
> *E a escola virou morada de inventor!*

Elias José, fragmento do poema *Morada do inventor*.
In: Revista Nova Escola, 133, 06/2000

Sabemos que não há em nossas escolas, infelizmente, um espaço reservado para esse fim. Mas o importante não é o espaço físico. O que deve prevalecer é o espírito da brinquedoteca. Sugerimos, então, que ela seja montada em um cantinho da sala de aula ou, ainda, que seja criada uma brinquedoteca itinerante, montada com uma caixa de papelão, que poderá ser socializada com as demais turmas da escola. O que não pode faltar também é uma boa contação de histórias.

Na brinquedoteca, as crianças são convidadas a brincar com as palavras, com poesias, parlendas, adivinhas, trava-línguas, com cantigas e muitas músicas.

Quer um exemplo?

Cecília Meireles, na obra *Ou isto ou aquilo*, usa a ludicidade e situações ligadas ao imaginário da criança. Ela brinca com as palavras, com as formas, as imagens, os sons e os ritmos.

Jogo de bola

A bela bola
Rola
A bela bola de Raul.

Bola amarela,
A da Arabela.

A do Raul,
Azul.

Rola a amarela
E pula a azul.

A bola é mole,
É mole e rola.

A bola é bela,
É bela e pula.

É bela, rola e pula.
É mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela.
E a de Arabela é de Raul.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

Ninfa Parreiras, que trabalha na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, analisa esse poema em seu artigo *Hoje é dia de poesia!*, publicado pela revista *Editorial Educador*, na edição 33, de outubro de 2007.

> *Cecília propõe uma brincadeira de bolas, de nomes, de palavras. Para mim, este é o grande valor do poema: o de ser um brinquedo aos olhos de quem o lê. O poema faz com que o leitor sinta a bola e construa a imagem de Raul e de Arabela. São coisas aparentemente simples, mas de uma complexidade estética: uma bola que rola, outra que pula; uma azul, outra amarela... A autora retoma a beleza das coisas cotidianas e a importância do brinquedo na infância, elemento propiciador da comunicação e do diálogo da criança com o mundo.*

Não é ótimo brincar com as palavras?

Mão na Massa

As sugestões de atividades aqui propostas podem ser realizadas com toda a turma, em pequenos grupos, em duplas ou até individualmente, conforme o caso.

- O grande escritor João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Um olhar atento sobre a vida e a obra desse artista nos brinda com muitas histórias de infância, frases e sonhos de um menino quieto, cheio de criatividade. Em sua infância, gostava de puxar sabugos e espigas de milho feito boizinho de carro. Ele ainda lia fazendo sons com os gravetos, tamborilando os dedos, batendo nas páginas com uma varinha, misturando frases e sons, o que se tornaria recorrente em sua obra.

  De todas as frases descobertas, houve uma que inspirou um grupo de professoras da Associação Educacional Miraflores, em Niterói, e que revelou momentos importantes da infância de Guimarães Rosa: “Um dia hei de escrever um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos”.

Ciep Agostinho Neto

Atividade desenvolvida pelas professoras Adriana Guedes, Paola Antunes e Rejane de Carvalho em homenagem ao centenário de Guimarães Rosa.

Elas propuseram aos alunos a criação de brinquedos para meninos quietos. Mas o que seriam brinquedos para meninos quietos? Jogo de damas, jogo de xadrez, jogo da velha? Refletiram com os alunos sobre essa questão. Depois partiram para a produção desses brinquedos e de outros, imaginados e criados pelos alunos, com sucatas.

Aproveitando essa ideia, poderá nascer, em sua escola também, uma bela brinquedoteca em sala de aula, que poderá ser visitada e curtida pelos demais alunos da escola.

▪ Vamos brincar com as palavras?

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

No livro *Para ler em silêncio*, o magnífico escritor Bartolomeu Campos Queirós diz:

Nenhuma palavra vive sozinha. Toda palavra é composta. Se escrevo mar, nessa palavra rolam ondas, viajam barcos, cantam sereias, brilham estrelas, algas, conchas e outras praias. (p.53)

Embalados nesse trecho e no livro *Diário de classe*, do mesmo autor, brincar com o ritmo das palavras, com o nome das crianças da turma e criar poesias decompondo as letras do nome de cada aluno.

L U Z I A
L U Z . .
L U . . A
L . . I A
. . . I A

▪ Ler para os alunos o divertido livro *Uma palavra só*, da escritora, psicopedagoga e artista plástica mineira Ângela Lago, publicado pela editora Moderna, mostrando as belíssimas ilustrações que a própria autora criou para o livro.

E.M. México

Descobrir, junto com os alunos, que brincando com uma única palavra – no texto, a palavra é EXCLUSIVAMENTE – podemos descobrir muitas outras escondidas.

Você pode brincar, inicialmente, com palavras mais simples e usadas frequentemente pelos alunos no seu cotidiano e depois ampliar o vocabulário. Para facilitar, dê para os alunos as letras dessa palavra recortadas.

E X C L U S I V A M E N T E

E V A
L U A
U V A
S I M
S E T E

- Levar para a sala de aula algumas parlendas, cantigas de roda e jogos infantis, como: *Uni, duni, tê, O cravo brigou com a rosa, Fui no tororó*...

  Convidar os alunos para brincar e cantar. Fazer um levantamento do repertório conhecido por eles e depois pedir que pesquisem, junto com seus familiares, outras parlendas, brincadeiras e cantigas populares. Ao final da atividade, vocês podem montar um livro com todas as descobertas.

- Trabalhar com as poesias presentes no livro *Saco de brinquedos*, de Carlos Urbim, editora Projeto. A poesia nos leva a sentir e viver sensações além do conteúdo do poema. Nesse livro, o autor criou belas poesias para a bola, a peteca, a corda, o cavalo de pau, a pandorga e muitos outros brinquedos e brincadeiras. Depois da leitura, criar também com os alunos poesias para brinquedos e brincadeiras.

  Os livros citados foram apenas sugestões. Todas as atividades podem ser trabalhadas com palavras já conhecidas, nomes dos alunos ou, ainda, palavras retiradas de jornais e revistas.

  Uma visita à Sala de Leitura da escola, com certeza, vai proporcionar boas escolhas de obras literárias também.

Nesse capítulo buscamos:

- Utilizar a leitura e a escrita de palavras, de forma criativa.
- Compreender a importância das regras dos jogos.
- Refletir sobre os aspectos culturais da aprendizagem.
- Desenvolver a leitura de imagens.
- Reconhecer a importância do trabalho com tratamento da informação.
- Explorar linhas do tempo e sequência.
- Reconhecer a importância do resgate de nossa cultura e nossa memória.

Bibliografia

ALVES, Rubem. *Correio Popular*, Caderno C. Campinas: 17 de dezembro de 2000.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Matemática*. Brasília: MEC, 1996.

CRAIDY, Carmem M.; KAERCHER, Gládis (org). *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, Nylse H.S. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar.* São Paulo: Vetor, 2001.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança – A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: LPM, 1994.

JOSÉ, Elias. Morada do inventor. *Revista Nova Escola*, 133, 06/2000.

KISHIMOTO, Tizuko (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez, 1999.

LAGO, Ângela. *Uma palavra só*. São Paulo: Moderna, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MEYER, Ivanise. *Brincar & viver – Projetos em educação infantil*. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

PARREIRAS, Ninfa. *Hoje é dia de poesia! Revista Editorial Educador*, ed. 33, outubro de 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu C. *Diário de classe*. São Paulo: Moderna,1992.

_____. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Moderna, 2007.

SANTA ROSA, Nereide. *Brinquedos e brincadeiras*. São Paulo: Moderna, 2001.

SMOLE, Katia; DINIZ, Maria; CÂNDIDO, Patrícia. *Brincadeiras infantis nas aulas de Matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

URBIM, Carlos. *Saco de brinquedos*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Sites

www.angela-lago.com.br

www.brincadeirasdecrianca.com.br

www.fabricadebrinquedos.com.br

www.iberecamargo.org.br

Matemática em todo lugar

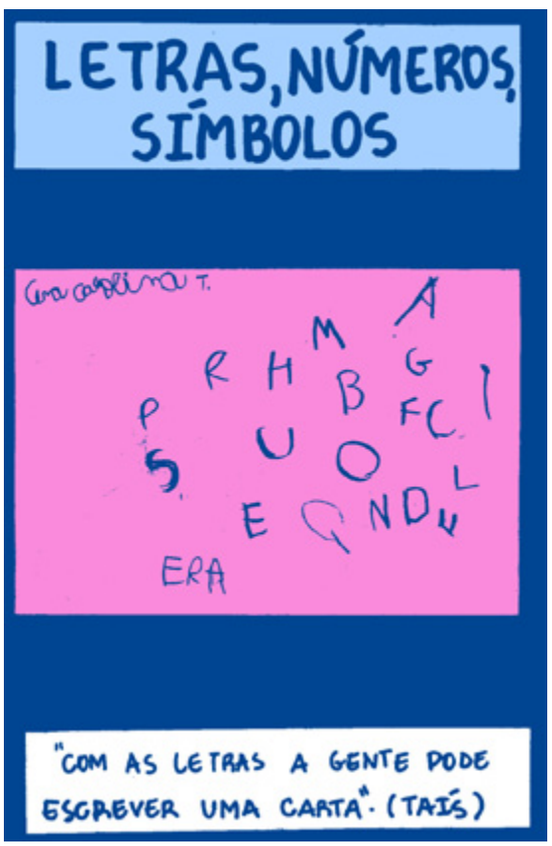
Faz-se Matemática sempre que se estabelecem relações do tipo lógico, mesmo que não se maneje com números ou outros elementos consagradamente tidos como entes matemáticos.

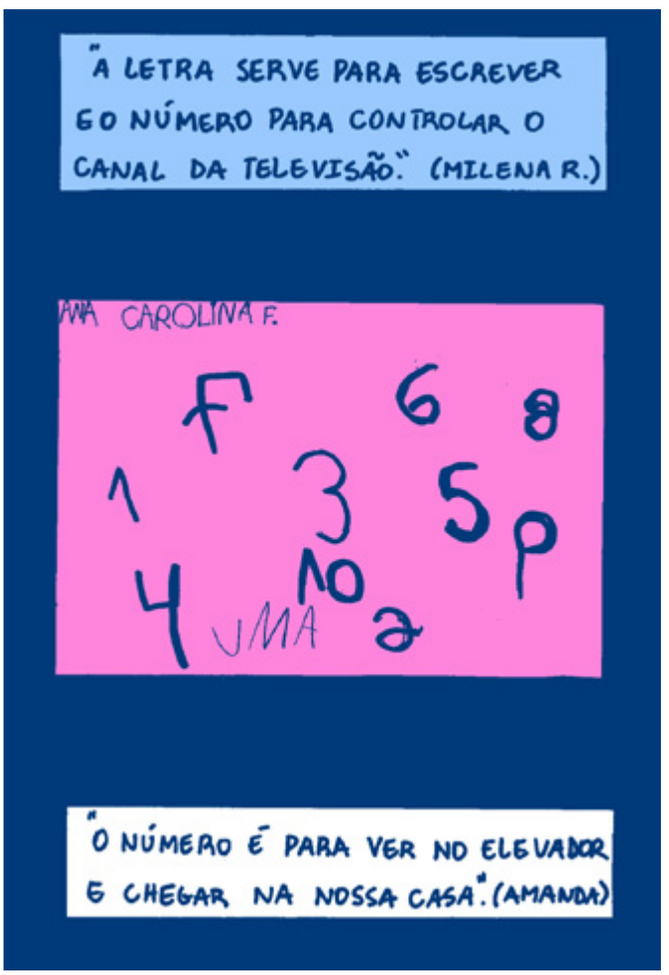
Ester Pillar Grossi

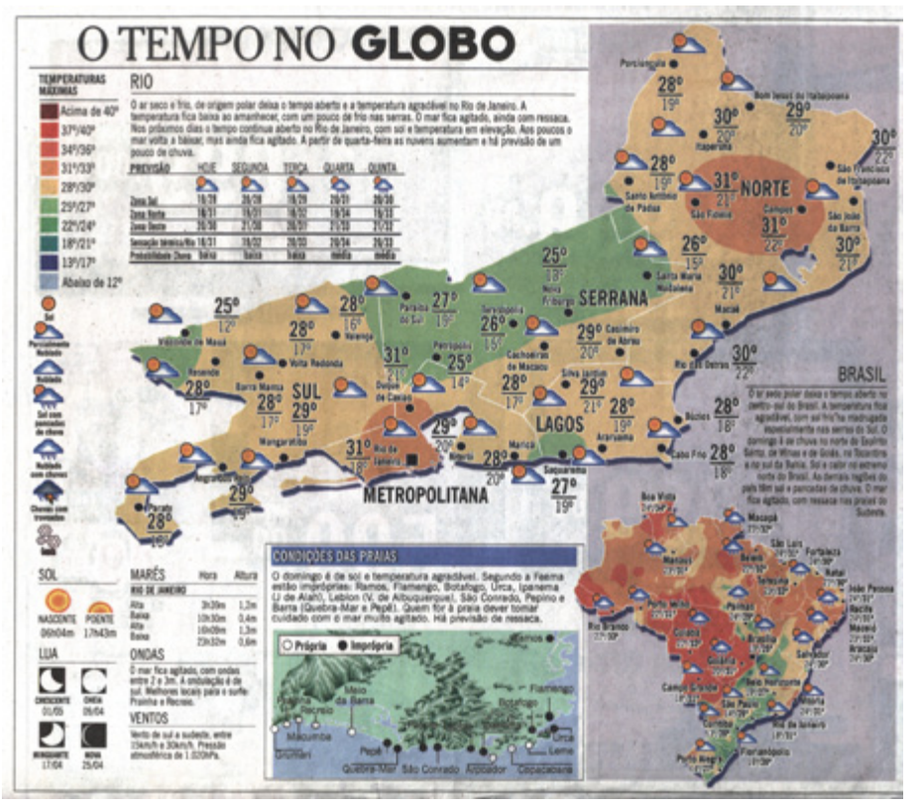
Onde está a Matemática?

Há muito mais Matemática nas nossas vidas do que imaginamos. Vivemos em um mundo repleto de números e outros símbolos e conceitos matemáticos. Se folhearmos as páginas de um jornal, vamos nos deparar com indicações de preços, diferentes gráficos e tabelas, horários de programas de televisão, previsão da temperatura média do dia, receitas culinárias, tamanho das ondas nas praias.

No caderno de esportes, temos estatísticas e as chances de cada time para a próxima competição. No caderno de classificados do jornal, deparamo-nos com plantas de apartamentos à venda e muitas outras situações. E até mesmo na programação visual encontramos formas geométricas variadas, seja nas colunas, nas fotos, nos anúncios.







Jornal *O Globo* (12/04/2009)

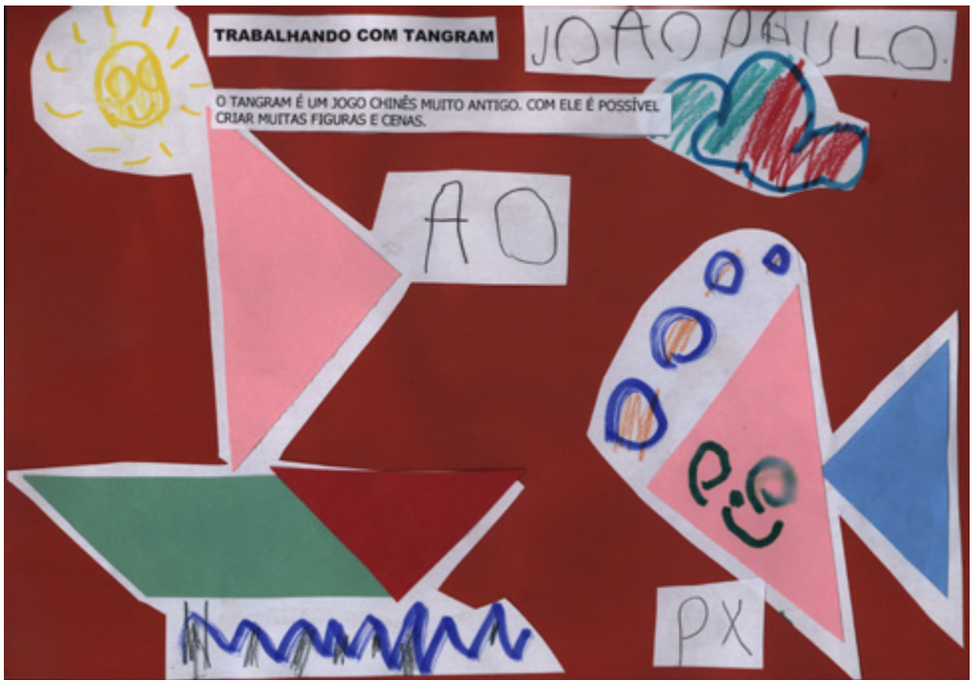
Olhando ao redor, vemos, ainda, as placas de trânsito e as placas dos carros, as embalagens dos produtos, o relógio de rua com a hora e a temperatura, os mapas de trajetos, etc.

Na escola, a Matemática se faz presente quando, por exemplo, dividimos porções de lanche, distribuímos materiais entre os colegas, calculamos a distância entre sua posição e um alvo a ser atingido, pensamos no trajeto mais curto para se deslocar de um lugar a outro; e quando marcamos o tempo ao preencher um calendário.

Essa área do conhecimento configura-se como um poderoso instrumento para o desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo e a construção de conhecimentos em outras áreas. Ela está presente na arte, na música, na geografia, na construção de linhas do tempo, na literatura, na moda, na forma como se organiza o pensamento e também nas brincadeiras e nos jogos infantis.

> *A Matemática (...) faz parte da vida de todas as pessoas nas experiências mais simples como contar, comparar e operar sobre quantidades. Nos cálculos relativos a salários, pagamentos e consumo, na organização de atividades como agricultura e pesca, a Matemática se apresenta como um conhecimento de muita aplicabilidade. Também é um instrumento importante para diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizada em estudos tanto ligados às ciências da natureza como às ciências sociais e por estar presente na composição musical, na coreografia, na arte, nos esportes.*

PCN, MAT 1996, P.29/30



Trabalho do aluno João Paulo

Os Parâmetros Curriculares de Matemática explicitam o papel dessa disciplina como instrumental para a compreensão e transformação do mundo que nos rodeia e como área do conhecimento que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação, de criação e que desenvolve a capacidade para resolver problemas.

Como vimos, é de extrema importância a presença da Matemática na sala da Alfabetização, todos os dias. Mas alfabetizar-se, hoje, é apropriar-se de outras formas de leitura do mundo (além da palavra escrita e da linguagem matemática), e essas formas devem estar presentes em todos os momentos da vida escolar.

Costurando com arte a Matemática e a Literatura

> *Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...*

Gonzaguinha (*O que é, o que é?)*

Somos eternos aprendizes, "estamos sempre nos alfabetizando, a cada novo tipo de texto com o qual entramos em contato durante a vida"(Telma Weisz). Então, é preciso criar momentos, em sala, para que os alunos se alfabetizem em outras linguagens que circulam na sociedade; uma delas é a linguagem artística.

Vivemos, hoje, cercados por imagens e múltiplos estímulos visuais e, por isso, é

necessário que o aluno aprenda a fazer a leitura dessas imagens.

A arte, além de nutrir nossa alma com sensibilidade, nos leva à reflexão sobre valores, atitudes e comportamentos. Ela proporciona a expansão do universo cultural dos alunos e tem um grande poder transformador: permite o desenvolvimento de potencialidades, como intuição, sensibilidade, percepção, imaginação e curiosidade – importantíssimas para a atividade matemática. A arte, por mobilizar sentidos e capacidades fundamentais ao desenvolvimento humano – criatividade, imaginação, observação –, constitui uma faceta essencial para o aproveitamento do aluno nas demais disciplinas.

> *O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada.*

PCN-Arte, p.21

Diante de uma obra de arte, abre-se a possibilidade da multiplicidade de leituras e representações. Quanto mais referências tivermos, maiores e mais diferentes serão as possibilidades e perspectivas para análises e interpretações.

A professora apresentou para a turma a gravura de uma obra de arte e, após a observação, solicitou que os alunos fizessem uma releitura do quadro, utilizando papel e lápis de cor.

Terminado o trabalho, uma das crianças declarou:

– Mas isso não é releitura, é redesenho.

Você sabia que muitos artistas plásticos utilizaram a Matemática para criar suas obras? Um deles foi o pintor, escultor, desenhista, arquiteto e geômetra Leonardo da Vinci, que pintou a famosa Mona Lisa. Outro foi o holandês Piet Mondrian. Ele fez uma série de composições baseadas puramente na grade de linhas retas verticais e horizontais desenhadas com precisão, contornos firmes, delimitando áreas quadradas e retangulares coloridas.

Podemos citar, ainda, o artista holândes Escher, que utilizou a Geometria como chave para os surpreendentes efeitos de suas gravuras, e Salvador Dalí, que, para pintar um de seus quadros, chegou a pedir ajuda a um matemático romeno, o príncipe Matila Ghika. Ele levou mais ou menos três meses para realizar os cálculos matemáticos de todos os elementos necessários para a elaboração do quadro.

É importante levar a arte para a sala de aula e desenvolver, a partir dela, muitos conteúdos matemáticos e diversas habilidades que estão presentes nessa e em outras áreas do conhecimento.

Algumas obras do artista Alfredo Volpi (1896-1988), pela temática abordada, são apropriadas para o trabalho com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Volpi nasceu em Lucca, Itália, e chegou ao Brasil com pouco mais de 1 ano, fixando-se em São Paulo. Autodidata, construía suas próprias telas, molduras e tintas. Ao final da década de 1940, suas obras passam a ser uma soma de formas geométricas, em cores harmoniosas. Ele transformou as portas e janelas dos casarios que pintou em incisões retangulares. Nas suas mãos, triângulos, losangos e outras formas geométricas se transformaram em barcos, mastros, casas, brinquedos e nas famosas bandeirinhas.

Podemos pesquisar um pouco mais sobre a obra desse grande artista no site www.itaucultural.org.br e fazer uma análise do quadro *Barco com Bandeirinhas e Pássaros*, junto com os alunos.

1) Quais as cores que Volpi usou no quadro?
2) Quais as cores das bandeirinhas?
3) Quantas bandeirinhas são verdes? E quantas são vermelhas?
4) Há mais bandeirinhas verdes ou vermelhas?
5) Há mais bandeirinhas pequenas ou grandes?
6) Quantos pássaros há na obra?
7) Qual a cor do barco?

Trabalho da aluna Julia

Podemos também criar com os alunos uma dobradura de barco e uma de bandeirinha. Explorar o passo a passo dessas dobraduras, identificando as formas obtidas após cada dobra e, ao final, usá-las para criar uma leitura da obra e um texto coletivo.

A relação entre a Matemática e o origami tem se revelado muito fértil, no estímulo à visualização e compreensão de alguns conceitos e resultados matemáticos, além de estimular a produção de diferentes tipos de textos.

Releitura da obra de Volpi pela aluna Nicole

Quando tomamos a arte como aliada, colaboramos para transformar o espaço de nossa sala de aula, dando a ele uma dimensão mais dinâmica, rompendo com a prática meramente reprodutora, libertando os alunos da posição de espectadores do olhar e saber dos outros, dando a eles liberdade para criar.

> *O ser humano não apenas pode criar, ele precisa criar – e não há como fugir a esta imposição.*

Fayga Ostrower

Outra linguagem que pode dialogar com a Matemática é a Literatura.

> *A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo; é uma nutrição.*

Cecília Meireles

Ao trabalharmos com livros de Literatura, criamos momentos preciosos que nos permitem relacionar as diversas formas e os estilos de linguagem: a linguagem corporal, a matemática, a musical, a plástica, a escrita. Além disso, a leitura de histórias nos proporciona incríveis viagens e promove o desenvolvimento de muitas habilidades.

> *Para Dalcin, as histórias exercem forte influência tanto na formação cognitiva como na afetiva e social, além de valorizarem e ampliarem nossa capacidade imaginativa e auxiliarem na construção de significados.*

DALCIN, A. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, 2002, p.73.

A Língua Portuguesa e a Matemática fazem parte dos currículos desde os primeiros anos de escolaridade. Mas essas duas áreas normalmente não se articulam. É como se as duas disciplinas, apesar de conviverem juntas na escola, continuassem estranhas uma à outra.

Nilson Machado, em seu livro *Matemática e língua materna*, afirma que em várias situações do dia a dia usa-se uma linguagem mista. Parece que é a escola que se encarrega de estabelecer um distanciamento entre essas duas formas de linguagem, a língua materna e a Matemática. Acreditamos que a literatura infantil pode ser um dos caminhos a ser utilizado pelo professor para tentar diminuir esse distanciamento.

> *A Matemática e a língua materna representam elementos fundamentais e complementares, que constituem condição de possibilidade do conhecimento, em qualquer setor, mas que não podem ser plenamente compreendidos quando considerados de maneira isolada.*

Machado,1990, p.83

A utilização de livros de Literatura como recurso metodológico para explorar situações que envolvam conhecimentos matemáticos é uma das possibilidades de fazer a integração entre a Matemática e a língua materna. A integração também acontece quando utilizamos a leitura de textos de jornais e quando contemplamos a produção escrita de diferentes textos nas aulas – por exemplo, quando pedimos para os alunos escreverem sobre as descobertas feitas durante um jogo, uma excursão.

A Literatura exige leitura e desenvolve a capacidade de interpretação de diferentes situações, além de estimular a imaginação, o que favorece a atividade matemática. E, se nas aulas de Matemática promovermos um largo uso da resolução de problemas, de jogos, faremos com que o desempenho dos alunos na leitura, escrita e interpretação de textos seja favorecido.

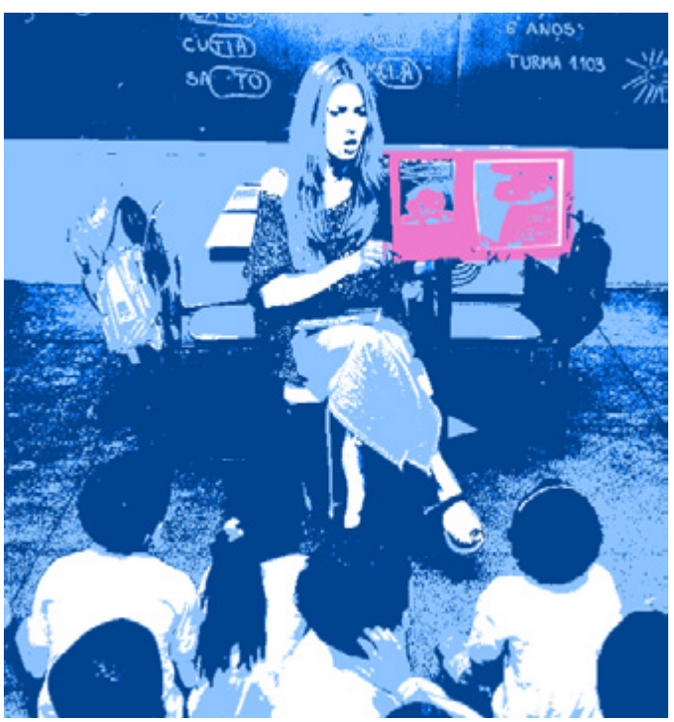
Como ilustração do que foi mencionado acima, sugerimos um trabalho com o livro *Uma historinha sem um sentido*, de Ziraldo (editora Melhoramentos). Nessa história, há um super-herói que tem muitos inimigos querendo eliminá-lo. Entretanto, com seus supersentidos, o herói consegue sempre se safar dos perigos. Até que num certo dia o super-herói, ao fugir de um incêndio, morre queimado, porque não sabe ler e tenta sair pela porta errada do prédio.

Durante a leitura desse texto, realiza-se o contato do leitor com as linguagens verbal e não verbal e debate-se com os alunos a importância da escrita e da leitura, consideradas pelo autor como o sexto sentido do ser humano.

E.M. Rodrigo Otávio

Podemos, ainda, identificar nesse texto os sons onomatopaicos presentes na história.

Outro livro desse mesmo autor que permite um ótimo trabalho para as turmas de Alfabetização é *A Bela Borboleta* (editora Melhoramentos). Nele, o Gato de Botas convoca personagens de outras histórias infantis (Branca de Neve, Peter Pan, Bela Adormecida, etc) para um salvamento muito importante: libertar uma linda borboleta de asas coloridas que está presa, com grampos de metal, dentro de um livro. Mas uma surpresa acontece quando eles vão libertá-la. Ela pede que eles não façam isso e explica: "*Eu não estou presa, porque cada vez que uma menina, que gosta do Gato de Botas, por exemplo, abre este livro e move as suas páginas, eu bato as minhas asas*".



E.M. México

Podemos começar o trabalho pedindo para os alunos criarem oralmente uma história a partir do título e da capa do livro e, depois, compararem a versão dada pela turma com a originalmente proposta pelo livro.

Em seguida, fazer a leitura do livro, interrompendo em alguns momentos para estimular os alunos a fazer antecipações sobre a trama, discutir possíveis alternativas para as atitudes dos personagens:

- Se vocês fossem alguns dos personagens da história, quais gostariam de ser? Por quê?
- Se tivesse a chance de participar dessa história, você libertaria a Bela Borboleta? Por quê?

Ao final da leitura, explorar a sequência temporal por meio do texto e das imagens e interpretar o texto.

Pode-se pedir, também, para os alunos imaginarem um outro final para essa história e, ainda, fazerem um levantamento dos personagens dos contos de fadas que aparecem no livro. Solicitar que cada aluno escolha um desses contos e reconte a história para os demais.

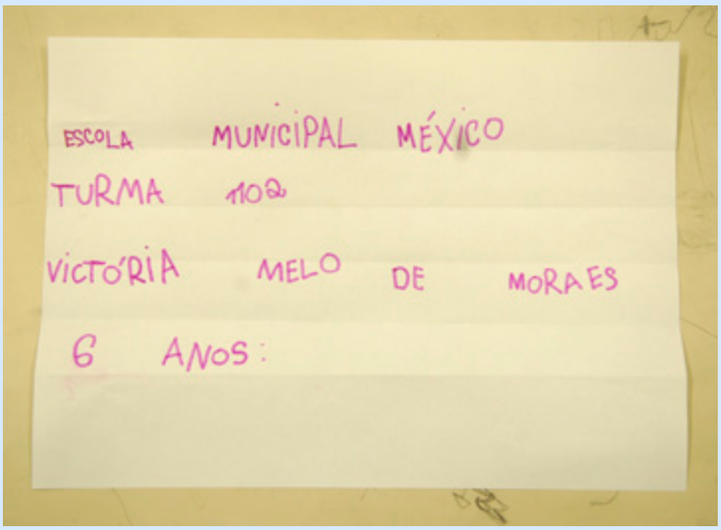
O registro escrito desses contos pode ser feito pelo professor, que assumiria o papel de escriba. Os alunos, ao final, ilustram os contos de fadas que foram apresentados.

Sugerimos, ainda, fazer um levantamento dos contos de fadas preferidos da turma para depois montar e analisar o gráfico de barras obtido. E, ainda, explorar como nasce uma borboleta, além de observar a simetria presente em suas asas.

Mão na Massa

As sugestões de atividades aqui propostas podem ser realizadas com toda a turma, em pequenos grupos, em duplas ou até individualmente, conforme o caso.

- Criar, com cartolina ou papel 40 quilos, um tabuleiro de histórias. Em algumas casas, escrever: avance duas casas; em outras, volte três casas; fique uma rodada sem jogar, etc. Colocar em outras casas alguns personagens dos contos de fadas selecionados pelos alunos. Ao lançar o dado e a cada jogada, um aluno cria uma parte da história. A cada uso desse tabuleiro, obteremos histórias diferentes. Além disso, estaremos desenvolvendo conceitos matemáticos como: soma, subtração, reconhecimento da escrita numérica, número, tempo, espaço.

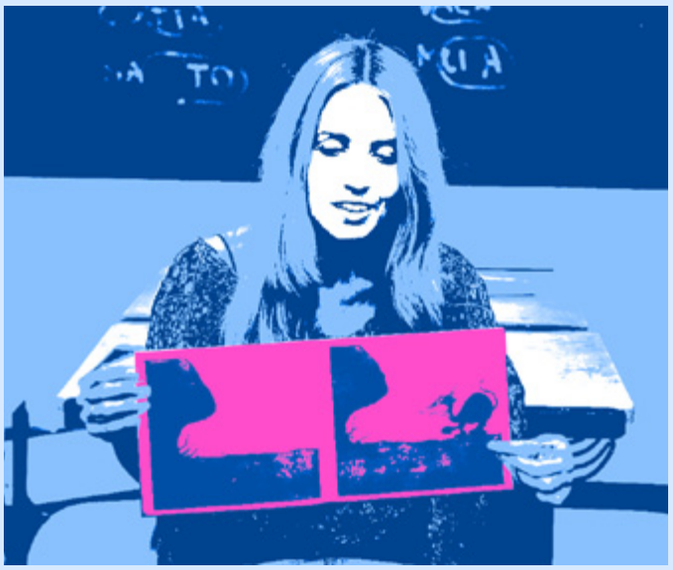


- Montar uma agenda com a turma. Durante a elaboração, os alunos perceberão a presença da Matemática na vida. Ela pode conter:

1) Nome da escola
2) Símbolo
3) Turma
4) Ano
5) Número de alunos
6) Nome do aluno (em ordem alfabética)
7) Foto (o aluno desenha o autorretrato)
8) Idade
9) Endereço
10) CEP
11) Telefone
12) Data de nascimento

- Propor aos alunos a criação de uma tirinha que retrate uma situação do dia a dia em que empregamos a Matemática.
- Pedir que escolham um conto de fadas e atualizem-no. Antes, se for possível, contar histórias que foram criadas a partir de contos, como a do livro *Chapeuzinho Vermelho: do jeito que o lobo contou*, de Maurício Veneza (editora Compor).
- Dar aos alunos um pequeno texto. Pedir que eles circulem os diferentes números que aparecem no texto. Depois, que destaquem no texto uma situação em que o número indique posição.
- Propor que cada aluno traga de casa um rótulo. Inicie classificando de diferentes modos os rótulos trazidos. Exemplos: alimento perecível ou não; alimentos que têm validade até o final do ano e aqueles em que a validade vai além; etc. Depois, explorar com eles o peso, a data de fabricação e validade do produto, o nome, a marca, o local de fabricação. Pedir, ao final do trabalho, que escolham um produto e façam uma propaganda.

- Criar um caderno de receitas culinárias com a turma. As receitas são um gênero textual muito apropriado para o trabalho com a Alfabetização, pois têm circulação social bem frequente. Nelas, aparecem números e diferentes unidades de medida. No caderno, as receitas devem ser organizadas respeitando a ordem alfabética do título. O caderno ainda deve ter índice e ilustrações feitas com desenhos dos próprios alunos.
- Usar somente os desenhos de uma história em quadrinhos e pedir aos alunos que criem, coletivamente, um texto para as imagens. Podemos também usar um livro de imagens, aquele que possui uma narrativa construída unicamente por ilustrações. Nesse tipo de livro, a história se constrói de imagem em imagem, o que pode auxiliar na aquisição da leitura, para além da simples decodificação. Sugestão: *Gato Viriato*, de Roger Mello (editora Ediouro).



Professora Andreia Castanheira, E.M. México

Nele, o gato vive quatro aventuras diferentes e se mete em muitas encrencas. Em todas, as imagens permitem ao leitor contar e recontar as aventuras de Viriato, criando sua própria versão.

É importante, durante a leitura, chamar a atenção dos alunos para cenas em que o espaço continua o mesmo, mas o tempo, não. E cenas em que o espaço mudou. Chamar atenção também para cenas em que o gestual dos gatos indica um diálogo entre eles. Nesse momento, podemos pedir que imaginem o diálogo.

Nesse capítulo buscamos:

- Utilizar, de forma integrada, conteúdos matemáticos de narrativas infantis.
- Refletir sobre a educação matemática na escolarização inicial.
- Refletir sobre a função e a presença de símbolos matemáticos na vida social.
- Utilizar os números e as operações matemáticas em atividades significativas e contextualizadas.
- Identificar e compreender número e reconhecer seus usos e suas funções.
- Reconhecer a importância do trabalho com as noções geométricas.
- Interpretar diferentes tipos de textos.

Bibliografia

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte*. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Matemática*. Brasília: MEC, 1996.

DALCIN, A. *Um olhar sobre o paradidático de Matemática* – Dissertação Unicamp, 2002, p.73.

DANTE, Luiz R. *Didática da Matemática na pré-escola*. São Paulo: Ática, 1996.

FAINGUELERNT, Estela K; NUNES, Katia R.A. *Fazendo arte com a Matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAINGUELERNT, Estela K; NUNES, Katia R.A. *Tecendo Matemática com arte*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCIA, Regina L. (org.). *Múltiplas linguagens na escola*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

GROSSI, Ester Pillar. *Didática da Alfabetização*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MACHADO, Nilson José. *Matemática* e *língua materna - Uma análise de uma impregnação mútua*. São Paulo: Cortez, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo/ Brasília: Lunnus/ INL, 1979.

OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro, 2004.

ROSA, Nereide S.S. *Alfredo Volpi*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

SMOLE, Katia C.S. *A Matemática na Educação Infantil - A teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Sites

www.itaucultural.org.br

Era uma vez

Todos lemos (...) para vislumbrar
o que somos e onde estamos.
Lemos para compreender, ou para
começar a compreender.
Não podemos deixar de ler. Ler como
respirar é nossa função essencial.

Alberto Manguel

História de livro e de “boca”

A nossa rotina pode ser recheada de ações que não incluam assistir a um filme, uma peça de teatro, ler um livro, escutar uma música, observar quadros ou esculturas em um museu. As necessidades reais são muitas e nem sempre se abrem àquelas que nos obrigam a pensar sobre nossa própria humanidade. E que linguagem é essa que nos propõe falar de nós, fingindo, inventando, imaginando?

Quando falamos de Arte, há sempre uma relação íntima (e muitas vezes polêmica) entre realidade e ficção. Estabelecer o espaço e os limites que cada uma pode ocupar numa obra é tarefa das mais difíceis quando pensamos no sentido da linguagem artística, seja ela qual for, em nossa vida. Na Literatura, arte construída pela palavra, por mais metafórico, mais poético, mais alegórico que seja seu conteúdo, o sentido parte de nossa referência e conexão com o real. O modo como essa referência se constrói é que faz toda a diferença para o discurso fundamentalmente literário.

Quando a palavra subtrai o previsível do discurso e assume sua capacidade de surpreender, inventar, desconstruir, ela potencializa seu valor artístico e amplia uma leitura que só pode ser feita com um novo olhar. O discurso ficcional não recria uma realidade, ele inventa uma outra. Sua essência encontra força na beleza da criatividade e da imaginação.

Vamos aproveitar para conhecer uma bela história verdadeira, mas cheia de poesia:

A professora cultivava o bom hábito de ler e de contar muitas histórias para sua turma de crianças bem pequenas. Um dia, na biblioteca, local que frequentavam bastante, ela perguntou de que mais gostavam ali.

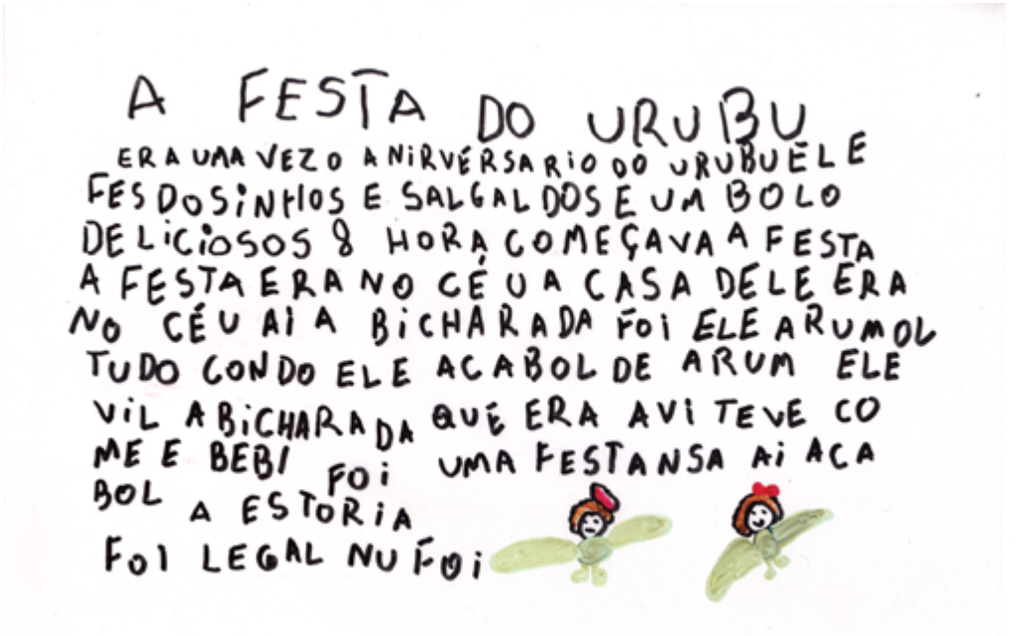
Uma de suas alunas assim respondeu:

– Eu gosto de história de boca.

A intimidade com os textos era tanta que nossa jovem ouvinte já sabia bem distinguir o texto oral do escrito a ponto de manifestar sua preferência.

Você já parou para pensar o quanto esse conhecimento é importante para quem está aprendendo a ler?

Algumas histórias parecem ter nascido para serem contadas, carregando em seus enredos o desejo da oralidade, do encanto da voz do contador; desejo das exclamações e interrogações que vão brotar no coração e no olhar de quem as ouve. Contar uma história é narrar para viver, para seduzir e capturar o ouvinte.


A FESTA DO URUBU
ERA UMA VEZ O ANIVERSARIO DO URUBU ELE FES DOS INHOS E SALGADOS E UM BOLO DELICIOSOS 8 HORA COMEÇAVA A FESTA A FESTA ERA NO CÉU A CASA DELE ERA NO CÉU AI A BICHARADA FOI ELE ARUMOL TUDO CONDO ELE ACABOL DE ARUM ELE VIL A BICHARADA QUE ERA AVI TEVE CO ME E BEBI FOI UMA FESTANSA AI ACA BOL A ESTORIA FOI LEGAL NU FOI

Durante muito tempo, as grandes aventuras habitaram o enredo infantojuvenil: contos de fadas, da carochinha, mitologias, histórias de cavaleiros de capa e espada, marinheiros e náufragos, detetives mirins. A narrativa apresentava um mundo que se dividia, fundamentalmente, entre o bem e o mal. No Brasil, Monteiro Lobato inaugura um espaço/sítio em que as aventuras começam a buscar nossas raízes culturais, a evidenciar uma natureza original e personagens independentes de seu criador.

Hoje, a literatura infantojuvenil tem apresentado grandes escritores e ilustradores que compõem aventuras reveladoras, muitas vezes, da dor e do desamparo que é a consciência de crescer, em toda dimensão que essa palavra pode nos apresentar. Vejam o exemplo desta história comovente da personagem Zolfe:

> *Zolfe tinha uma família e nos últimos tempos notara que seu pai e sua mãe viviam a falar sussurrando em partida, em deixar aquela casa, aquele lugar. E Zolfe se preparava silenciosamente pensando no que levaria. Mas eles não têm tempo. Homens mascarados invadem a casa, mandando-os sair, sem tempo de organizar a saída. Zolfe corre para o quarto. Não há tempo de encher a mochila. Dois braços não bastam para levar o necessário. Leva alguns segundos apenas para perceber a pequena diferença entre o necessário e o essencial. Decide levar seu aquário com o peixe que tem o nome de seu avô, Emil. Zolfe segue para uma marcha forçada, sem rumo, que a separa de sua melhor amiga. A elas resta apenas a solidariedade tecida pelo livro que leram infinitas vezes,* O pote dos sonhos, *que conhecem de cor (de coração).*

Essa história da canadense Marie-Francine Hébert, chamada *Nenhum peixe aonde ir* (Editora SM), revela o abismo existente entre os sonhos da infância e a violência das guerras. Sua leitura indica uma reflexão importante sobre a pequena grande diferença entre o necessário e o essencial, que se estende à própria reflexão sobre a Arte: a ficção e a poesia nos aproximam da realidade da angústia, do medo e da dor, bem como, em muitas outras histórias, identificamos enredos cheios de alegrias e brincadeiras. Esse livro, especialmente, traduz a dor e a angústia de uma experiência que silencia e alucina.

Os critérios que se estabelecem para considerar uma obra literária são muitos: tipo de linguagem empregada, intenções do escritor, tema e assuntos, natureza do projeto do escritor. As instituições também são muitas: a academia, os intelectuais, as universidades, a crítica... Entretanto, são todos absolutamente subjetivos, contextuais; por isso mesmo, polêmicos e, muitas vezes, injustos. Considerar o que é essencial num quadro ou num livro é um trabalho para quem deseja ver.

Em nosso dia a dia na sala de aula, é preciso saber a diferença que podemos estabelecer entre a **compreensão** e a **interpretação** do texto. Compreender é apreender; portanto, quando pedimos que o aluno compreenda o texto lido, estamos pedindo que ele colha, no próprio texto, palavras, frases ou ideias que justifiquem a história, as ações dos personagens, etc.

Interpretar é dar um salto maior e ir além do que o texto nos apresenta; é quando, a partir das imagens e dos enredos, fazemos uma relação com outros textos, com nossa experiência e nossos conhecimentos. Por exemplo, a partir de um trabalho de compreensão do livro citado acima, *Nenhum peixe aonde ir*, observaríamos quem são os personagens principais, o que eles fazem, como se caracterizam física e psicologicamente, que frases justificam a tristeza da personagem Zolfe, etc.

E.M. Pedro Ernesto

O que é, afinal, necessário e o que é essencial para ler um bom texto? Vejam, a seguir, algumas dicas para que os alunos se tornem bons leitores.

10 passos para que seus alunos se tornem bons leitores

1) Leia em voz alta com eles. É importante fazê-los observar a respiração, a entonação e a clareza na hora da leitura.

2) Explore com eles os livros e outros materiais de leitura – revistas, jornais, folhetos, almanaques, manuais de instruções, cartazes, placas... Todo material impresso pode ser útil e ocasionar um momento de troca centrado na leitura.

3) Converse e escute-os quando falam. Isso ajuda muito no desenvolvimento da linguagem oral.

4) Peça para recontarem histórias ou informações que você leu em voz alta para eles. (Cuidado para que isso não acabe virando apenas uma obrigação! Não é esse o espírito da proposta; precisa ser algo agradável e descontraído.)

5) Incentive-os a desenhar e fazer de conta que escrevem histórias que ouviram. Peça, depois, que "leiam" em voz alta. Parece absurdo? Pois não é! Afinal, eles passam o tempo fazendo de conta que cozinham, que dirigem carros, que lutam com inimigos perigosos, que são médicos e professores... Não se esqueça: a ideia é brincar de ler.

6) Dê o exemplo: faça com que vejam você lendo e escrevendo. E, por favor, não faça a bobagem de dizer que eles devem aprender a ser diferentes de você. O que conta não é o que você discursa sobre leitura, escrita, estudo: é o que oferece como exemplo.

7) Vá à biblioteca regularmente com seus alunos. Se for uma biblioteca de empréstimos, é bom cada um ter sua própria ficha de inscrição.

8) Crie uma biblioteca na sala de aula para a criança, onde ela se acostume a guardar os livros e a buscá-los. De quebra, ela ganha competência para lidar com o mundo e a abertura da imaginação.

9) Não deixe de fazer um pouco de mistério, para aguçar a curiosidade. Por exemplo: você tem três livros na mão e diz à criança que ela pode escolher entre dois deles. Ela certamente vai dizer que são três, e não dois. Você faz de conta que se enganou e põe um deles de lado. Adivinha qual deles ela vai querer... Use sua imaginação. Tudo isso é jogo, mas o resultado é que seu aluno ganha sempre – e para toda a vida.

10) Leve seus alunos sempre que houver "hora do conto", teatro infantil e atividades similares na comunidade.

E.M. México

O que é necessário e o que é essencial para produzir um bom texto?

Vejam a seguir algumas dicas de Elisabeth Oliveira, professora universitária na Faculdade de Educação de Joinville, publicadas em seu blog *Letramento e Alfabetização & A Prática Pedagógica*, para motivar os alunos na produção textual:

- relatos do dia a dia;
- notícias da comunidade;
- notícias de jornais e revistas;
- acontecimentos importantes;
- gravuras;
- textos principiados;
- textos em rodinhas;
- textos coletivos;
- textos em dupla;
- livros lidos;
- revistas em quadrinhos;
- debates;
- cartas, bilhetes, avisos;
- relatórios;
- músicas;
- poesias.

Além de todas essas possibilidades que a professora Elisabeth nos apresenta, vale lembrar que uma boa revisão do texto produzido pelo aluno pode abrir muitas portas para o seu conhecimento da escrita. A revisão deve começar no interesse pelo **conteúdo** do que

foi produzido: as ideias, a coerência do enredo, das personagens, a fidelidade à proposta sugerida. Depois, é preciso que o professor observe, com cuidado, a **forma** do texto produzido: a organização, a letra, os espaços entre as letras, os espaços entre as palavras e a ortografia.

Vejam que belo texto produzido por um aluno de Alfabetização, a partir da leitura da história *A galinha ruiva:*

Trabalho do aluno Vitor

Memória e carta

Há uma inquietação em quase todos os bons leitores, principalmente crianças, ou os que guardam o espírito infantil a sete chaves, sobre a criação artística. O que move um escritor a fazer seu texto? É inspiração? Como ela surge? A criação pode nascer de um fato vivido, da observação de pessoas a nossa volta? É esse enigma, que se apresenta diferente para cada escritor, que nos seduz e nos encanta diante da aura de uma obra-prima: o seu valor único e intransferível. Mas também é verdade que todo escritor tem um interlocutor com quem discute suas ideias, com quem briga ao receber uma crítica ou se apaixona por poder dividir a alegria de inventar.

Essa é a história de Felpo Filva, um coelho escritor neurótico que, ao receber uma carta cheia de críticas de Charlô, uma fã bem-humorada e alegre, fica indignado e dá início a uma troca de correspondências que vai acabar (ou começar) em amor. *Felpo Filva*, de Eva Furnari, uma das melhores escritoras e ilustradoras da literatura brasileira infantil, foi editado pela Moderna, em 2006, e, de lá pra cá,

tem recebido inúmeros prêmios por sua originalidade e por seu enredo encantador, romântico e eficiente, uma vez que o livro conta a história de maneira divertida, usando os mais variados tipos de texto, como o poema, a fábula, a carta, receitas, memórias, trazendo a todos nós um encontro com os gêneros literários e a importância dessas diferenças no desejo de comunicar.

> *Capítulo 1 – A infância*
>
> *Meu nome é Felpo. Sou poeta e escritor. Sou um coelho solitário, não gosto de sair da toca. Quando eu era pequeno sofri muito porque tinha uma orelha mais curta que a outra. Os colegas sempre zombavam de mim...*

O personagem exercita aqui um gênero textual que tem sido muito produzido e lido em nossos tempos, **a memória**: texto que se caracteriza por compor, através de uma escrita subjetiva, as lembranças do autor, recheadas ou não de invenção. Esse tipo de texto pode favorecer excelentes atividades em grupos de Alfabetização, uma vez que promove o encontro da língua apreendida com a identidade do aluno, sua história, seus gostos e desejos.

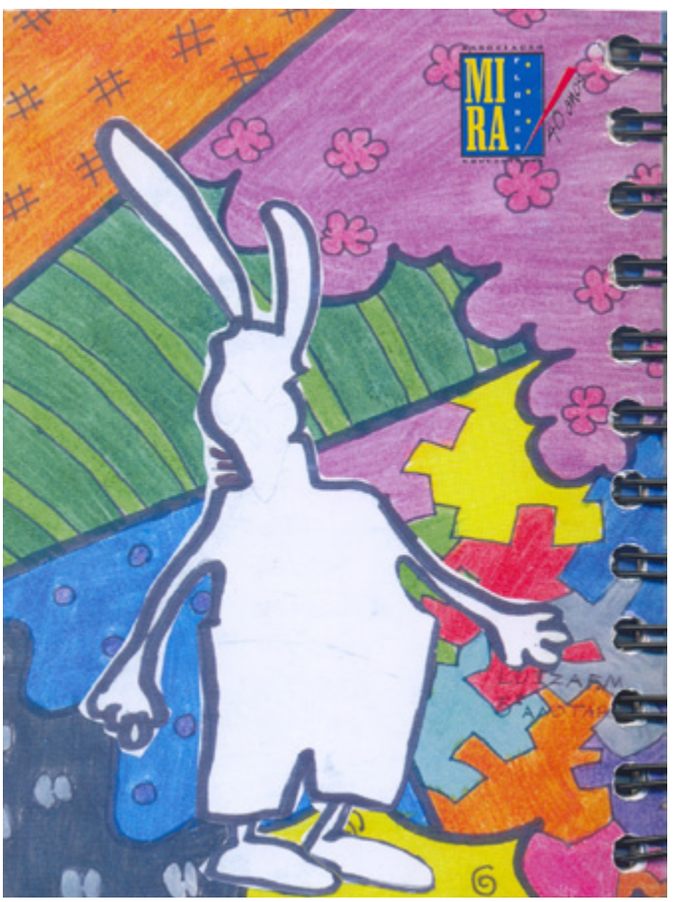
Voltando ao livro de Eva Furnari, vamos conhecer outro gênero textual de significado impressionante para os alunos: **a carta** (gênero epistolar). Por ser um escritor conhecido, Felpo sempre recebe numerosas cartas. Mas a de Charlô vai irritá-lo profundamente, porque ela lhe aponta um pessimismo desnecessário ao texto e propõe mudanças que transformarão a vida de Felpo numa autorreflexão de sua própria história. Também Charlô, ao propor novos caminhos da escrita para Felpo, apresenta um surpreendente talento como escritora.

No desenvolvimento da escrita para o outro, dando funcionalidade e destino a esta língua, é possível descobrir caminhos importantes para o próprio autor de uma carta.

"*Por que se escreve uma carta? Para habitar juntos a essencial solidão, a essencial separação, a essencial e comum fragilidade. Para contar o que nos tornamos, o que somos, o que esperamos*", nos diria o filósofo francês André Comte-Sponville, no livro *Bom dia, Angústia!* (São Paulo: Martins Fontes, 1997).

Por que coelhos? É a pergunta que podemos fazer ao terminar a deliciosa leitura desse livro. Se os coelhos, em nossa cultura, são conhecidos por se reproduzirem tanto e com muita facilidade, o que fazem nesse enredo Charlô e Felpo? Por isso é literatura: porque surpreende e arrebata com uma saída para as histórias "que reproduzem o real". Os personagens, aqui, ao contrário dos outros coelhos, não têm numerosos filhos, podem ter orelhas diferentes, são neuróticos, brigam, falam, amam, escondem o amor, se atrapalham, erram, se casam, mas não prometem final feliz. Aproximam-se de uma realidade inventada mais bonita, mais sincera e mais, muito mais encantada.

Trabalho do aluno Eduardo



Trabalho baseado no livro *Felpo Filva*, de Eva Furnari, e na obra de Romero Britto. Luiza França de Mesquita - 5º ano

Mão na Massa

- Contar histórias de heróis para os alunos: Super-Homem, Homem-Aranha, Mulher-Maravilha, por exemplo. Refletir com eles sobre as qualidades que um herói deve ter: coragem, superação de obstáculos, reflexão, generosidade, preocupação com a humanidade.

  Pedir que os alunos criem e desenhem um super-herói diferente, bem brasileiro, e escrevam as características ao lado. Todos podem apresentar seu super-herói aos colegas e inventar uma bela história em que todos os personagens criados apareçam.

Desenho do Supervovô, da aluna Marcela

- Pedir que os alunos tragam de casa um objeto significativo para eles: chupetas, livros, mantas, roupas, brinquedos... E que apresentem, oralmente, a história desse objeto. Em seguida, poderão desenhar ou escrever sobre as características importantes desse objeto para a construção da memória de sua vida.
- O professor coloca num saquinho de papel ou plástico o nome de todos os alunos escritos em pequenos papéis dobrados. Cada um deles retira um nome do saquinho e verifica se não é o seu próprio.

  Cada aluno poderá escrever um pequeno bilhete e entregá-lo ao colega sorteado, que deverá responder ao bilhete recebido. Se preferirem, antes de entregar o bilhete ao colega, os alunos podem apresentá-lo e descrevê-lo à turma por meio de mímicas ou enumerando características (“de verdade” ou “ao contrário”) deste colega.

Nesse capítulo buscamos:

- Reconhecer a estrutura do texto narrativo: narrador, enredo, personagem, tempo e espaço.
- Identificar as diferenças entre as narrativas ficcionais; diferenças de gêneros; memória e carta.
- Reconhecer a diferença conceitual entre compreensão e interpretação textuais e verificar sua importância na prática escolar.

Bibliografia

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas, a infância.* São Paulo: Planeta, 2003.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1993.

FURNARI, Eva. *Felpo Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1986.

MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil*. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

ROMÃO, Lucília Maria Souza. *Era uma vez uma outra história. Leitura e interpretação na sala de aula*. São Paulo: DCL, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Filmes

Narradores de Javé, de Eliane Caffé

Na natureza selvagem, de Sean Penn

Sites

http://elisabetholiveira.blogspot.com/2009/02/dicas-para-motivar-seu-aluno-na.html

www.portrasdasletras.com.br

www.releituras.com

Música no ar

Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia
Pois eu sou que nem cigarra
Canto sempre todo dia.

Quadra popular

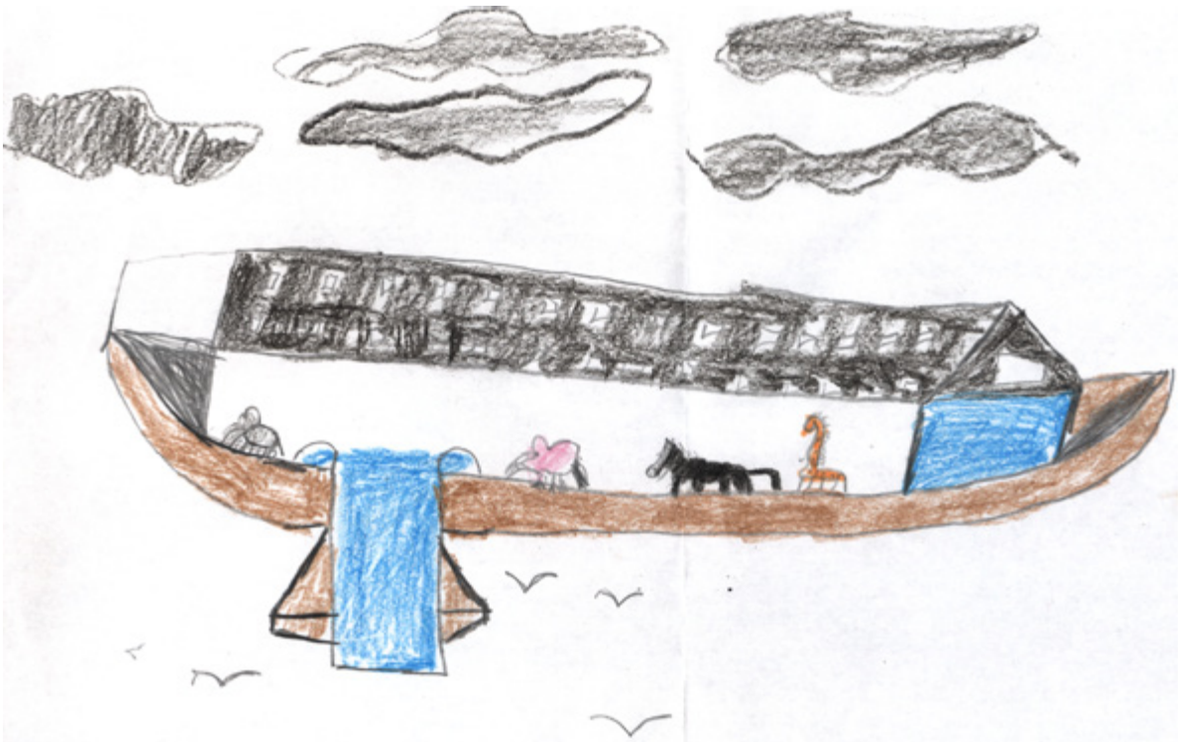
Quem canta seus males espanta

Conta uma história muito antiga, mas muito remota mesmo, que, na iminência de um grande dilúvio que tudo destruiria, um homem recebeu a incumbência de salvar a si e a sua família, bem como os animais existentes. Dito e feito. Construiu uma arca/embarcação, abrigou nela o que deveria ser salvo e flutuou sobre as águas, até que a tormenta passou e voltaram todos para terra firme.

Verdade ou mito? Muitas pessoas acreditam que de fato aconteceu, tantas outras preferem vê-la como lenda. O mundo é assim, múltiplo, e isso o faz mais rico, polêmico e desafiador.

Inspirados nessa história, dois brasileiros – poetas e músicos de primeira – enriqueceram com sua arte o universo cultural infantil. Vinicius de Moraes e Toquinho cantaram e versejaram um pato pateta, uma corujinha feinha, um gato que gosta de cafuné, um leão rei da criação, uma cachorrinha tontinha, uma foca circense; nem a pulga e o bicho-de-pé escaparam do maravilhoso *A Arca de Noé* (1 e 2), livro de poesias e espetáculo musical criados por eles nos anos 1970.

Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro, em 1913, numa família amante das letras e da música, e morreu em 1980. Foi diplomata, poeta, compositor e teatrólogo. Reconhecido pela intensidade de seus poemas sobre o amor e a paixão (quem não se emociona com o "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure", no inspirado final do *Soneto de fidelidade*?), Vinicius teve sua trajetória como músico impulsionada a partir das décadas de 1950 e 1960, quando conheceu alguns de seus "parceirinhos" (como ele os chamava) magistrais: Tom Jobim, Carlos Lyra, Antonio Maria, Edu Lobo, Baden Powell. *Garota de Ipanema*, *Chega de saudade*, *Se todos fossem iguais a você*, *Minha namorada*, *Berimbau* e *Arrastão* são apenas algumas entre suas numerosas composições.



Desenho do aluno Fábio

Antonio Pecci Filho, nascido em São Paulo, em 1946, recebeu de sua mãe, ainda criança, o apelido pelo qual ficou conhecido – Toquinho. Ainda muito cedo iniciou seus estudos musicais, dedicando-se ao violão. Na adolescência, começou a se apresentar em clubes, colégios e faculdades. Sua intensa atividade musical inclui participação em shows, espetáculos teatrais e grandes composições. Quem é que não se encantou (e se encanta) com a sua *Aquarela*?

> *Numa folha qualquer*
> *Eu desenho um sol amarelo*
> *E com cinco ou seis retas*
> *É fácil fazer um castelo.*

Da parceria com Vinicius de Moraes, são mais de cem canções que se destacam na música popular brasileira: *Regra três*, *Tarde em Itapoã*, *Carta ao Tom*, *A tonga da mironga do kabuletê* e *Canto de Ossanha*, entre tantas outras.

A sensibilidade e a inspiração desses autores resultaram numa mais que perfeita fusão entre a música e a poesia, expressões artísticas que dão mais humanidade, magia e sabor à nossa vida. É como eles próprios disseram e cantaram em *Para viver um grande amor*.

> *Eu não ando só*
> *Só ando em boa companhia*
> *Com meu violão*
> *Minha canção e a poesia.*

Diante de uma obra artística tão vasta, como é a brasileira, o que a escola não pode é recusar o convite que o compositor e também escritor Martinho da Vila nos faz em *Canta, canta, minha gente*.

> Canta, canta, minha gente,
> Deixa a tristeza pra lá
> Canta alto, canta forte
> Que a vida vai melhorar.

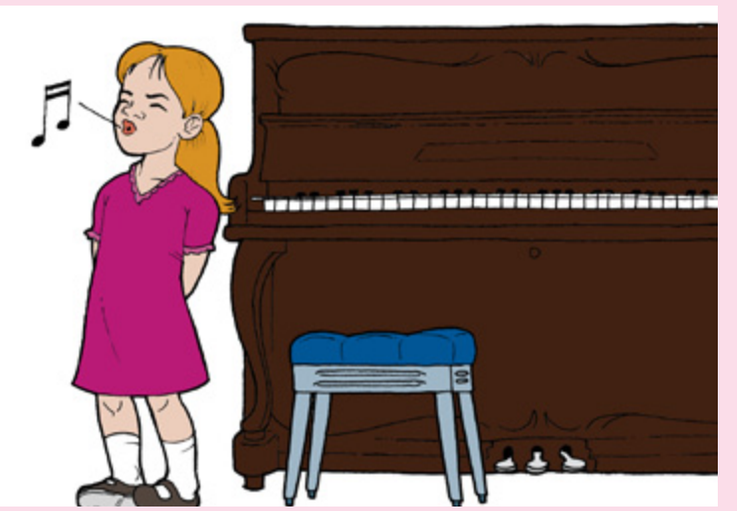
E também não deve ignorar o que o povo, nem se sabe mais quando, decretou:

Quem canta seus males espanta, ditado popular, apropriado por um aluno do 5º ano, que compôs essa bela quadrinha:

> Música é dança
> E nunca cansa
> Dizem que quem canta
> Seus males espanta!

A mãe de Fernanda tentava convencê-la a estudar piano, falando de como seria bom poder tocar as músicas preferidas, alegrar as festas e reuniões familiares. A menina, que estava muito resistente, argumentou:

– Mas eu sei assobiar muito bem e posso fazer isso na hora que quiser.



Letra de música e poema não são exatamente a mesma coisa, mas que são linguagens que têm algo em comum, não há como negar. Guardando as especificidades, ambos se apresentam como expressão verbal artística que manifesta um estado de espírito e se utilizam de elementos estruturais comuns, tais como:

- ritmo e duração;
- sonoridade e silêncio;
- rima.

Intensidade, timbre, altura, harmonia, melodia, métrica, estrofes, pontuação, onomatopeias, metáforas, símbolos, entre outros, também são aspectos que integram o processo criador poético e musical. No entanto, dependendo do caso, cada um deles surge com mais ênfase ora na música, ora no poema.

Muitos consideram que a letra e a melodia formam um duo complementar quase que inseparável. Assim, o texto escrito não teria tanto impacto quando lido ou falado, talvez até comprometendo um pouco de sua beleza e força ao perder a dimensão musical.

http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/interaja/76-objetos-de-aprendizagem/8401-instrumentos-da-orquestra

Uma comunhão perfeita de talento, música e poesia encontramos na canção *O trenzinho do caipira*, com letra de Ferreira Gullar e música de Villa-Lobos.

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar

Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra...
Vai pela serra...
Vai pelo mar...

Cantando pela serra o luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar...

E vários são os poemas que, ao serem musicados, transformaram-se em belas canções também.

Para que a apreciação da obra seja mais completa, vejamos o que diz a professora e autora Nelly Novaes Coelho (*Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000):

> *Para gostar ou não de poesia basta ter-se sensibilidade e gosto ou atração espontânea pela Arte. Mas, para atingir o seu conhecimento em camadas mais fundas, algo mais do que simples gosto é exigido.*

E para que essa arte nos envolva de forma definitiva, é bom ler também o que escreveu o professor Italo Moriconi (*A poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000):

> *Cultivar as letras é querer saber das coisas, é cultivar o intelecto, a força do entendimento. A quem deseja enveredar por esse caminho recomenda-se: leia os bons romances, descubra os filósofos sérios, aprenda a amar poesia. Na cama, na rede. Na poltrona, na mesa de trabalho. Sempre foi assim. É como nasce a tribo dos letrados.*

Músicas e poemas devem estar sempre em cena para que as crianças apreciem diferentes estilos e conheçam autores brasileiros e estrangeiros.

A partir da música *Na casa da vovó Bisa*, de Gabriel o Pensador, ao ser perguntada de que mais gostava na casa da avó, a aluna Beatriz respondeu: "Eu gosto quando ela conta histórias pra mim", e representou essa ideia com o desenho:

Trabalho da aluna Beatriz

Partindo do princípio de que a aprendizagem deve contemplar também um aspecto lúdico e prazeroso, por que não lançar mão de textos poéticos e musicais para ensinar a ler e escrever? Não como simples pretextos, mas "unindo o útil ao agradável" – aprender a ler com o que se aprendeu a gostar de ler.

CIRNA DA CIRNADINHA

CIRNA DA CIRNADINHA
VÃMOS TODOS CIRNADAR
VÃMOS DARA MIA VOLTA
VOLTAE MEIA VÃMOSDA
OANEU QUE TU MEDESTE
ERA VIDRO E SE QUEBRO
O AMOR QUE TUMETNHAS
ERA POCO E SEACABOU
PeRISO DONA BRACA
ENTRE NESTA RODA
DIGAUM VERSO BENBONITO
DIGAADEUS EVASENBORA

Mão na Massa

A foca

(Vinicius de Moraes e Toquinho)

Quer ver a foca
Ficar feliz?
É pôr uma bola
No seu nariz.

Quer ver a foca
Bater palminha?
É dar a ela
Uma sardinha.

Quer ver a foca
Comprar uma briga?
É espetar ela
Bem na barriga!

Lá vai a foca
Toda arrumada
Dançar no circo
Pra garotada.

Lá vai a foca
Subindo a escada
Depois descendo
Desengonçada.

Quanto trabalha
A coitadinha
Pra garantir
Sua sardinha.

Trabalho do aluno Lucas, E.M. México

O poema-canção *A foca*, de *A Arca de Noé*, além de ter qualidade literária e agradar muito às crianças, é um bom texto para se trabalhar conhecimentos sobre a estrutura da língua escrita. A gravação de Alceu Valença é imperdível, mas, caso não seja possível ouvi-la, pode-se cantar com a turma até que todos decorem a letra e a melodia. Afinal, "é preciso cantar e alegrar a cidade", como falaram Vinicius e Carlos Lyra na bela *Marcha da Quarta-Feira de Cinzas*.

- Apresentar a letra da música por escrito em um papel grande. Voltar à cantoria, indicando com o dedo verso por verso.
- Marcar a palavra FOCA todas as vezes em que ela aparece no texto, lançando os desafios: que palavra está marcada? Quantas vezes ela aparece?

- Brincar com o Jogo de Letras, pedindo aos alunos que encontrem todas as letras necessárias e formem a palavra FOCA. Em duplas ou pequenos grupos, uns podem colaborar com os outros, considerando os níveis diferenciados de aprendizagem, o que ocorre em toda turma.

- Propor o Jogo do Troca-Troca

  Trocar a letra O pela letra A. A palavra é .....

  Trocar a letra O pela letra I. A palavra é .....

  Trocar a letra O pela letra A e a letra C pela letra D.
  A palavra é.....

  Trocar o F por outras consoantes e formar outras palavras, até mesmo as que não existem. E, assim, os alunos descobrem que tudo pode ser escrito, existindo de verdade ou não. Sugerir a organização das palavras em dois blocos.

O QUE EXISTE	**O QUE NÃO EXISTE**
JOCA	GOCA
NOCA	VOCA
SOCA	
TOCA	

Brincando com o jogo, outras palavras podem surgir, como FICA, FOGO, FALA, FERA, FILA, FOFO.

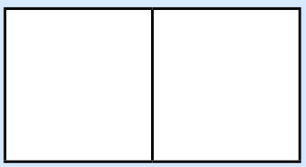
E.M. México

E.M. Anne Frank

O objetivo é que o aluno perceba a relação entre o som e a letra e a formação de sílabas. Este exemplo privilegiou o padrão silábico CV (consoante e vogal), mas o jogo se presta à descoberta de outros padrões também: SARDINHA (CVC), BRIGA (CCV), ESCADA (VC), COITADINHA (CVV).

- Apresentar uma cartela com quatro divisórias para a criança escrever a palavra FOCA, ocupando todos os espaços e explicando como escreveu.

Em seguida, apresentar outra cartela com duas divisórias, para a criança escrever a mesma palavra, fazer a leitura e explicar o critério usado.



FOCA

▪ Utilizar a primeira cartela para desafiar os alunos:

- Quantas letras tem a palavra?
- Qual é a 1ª letra?
- E a última?
- Que letra está entre a 1ª e a 3ª?
- Que letra está entre o O e o A?
- Se você cobrir a 1ª letra, qual é a nova palavra?

Mas a vida de uma foca é muito mais rica do que as letras e sílabas de seu nome. Onde ela vive? De que se alimenta? Alguém já viu uma foca de verdade? Onde? E na TV? Será que o circo é o melhor lugar para ela? O que vocês acham? E o autor do poema?

- Essas questões dariam um belo projeto de pesquisa, que pode ser organizado num quadro como este:

O QUE SABEMOS	O QUE QUEREMOS SABER	ONDE PESQUISAR	O QUE APRENDEMOS
(levantamento dos conhecimentos prévios)	(expectativas em relação à aprendizagem)	(fontes de pesquisa: livros, filmes, entrevista, internet...)	(resultados da aprendizagem)

O quadro será montado passo a passo, com as crianças participando oralmente e o professor servindo de escriba.

E que tal conjugar a linguagem verbal com a expressão plástica? Vamos fazer a nossa arca? Além da foca, é claro, que outros animais vão embarcar?

- Listar todos os indicados pelas crianças e organizar o ABC da ARCA, com as palavras em ordem alfabética, não se esquecendo de colocar todas as letras do alfabeto. Vai que "apareça algum retardatário", a preguiça, por exemplo? Vai que a professora se lembre de algum que foi esquecido pela turma? O seu lugar tem que estar reservado.
- É hora de desenhar! Consultando o ABC da ARCA (esta pode ser uma das utilidades da ordem alfabética), escolher ou sortear quem vai desenhar o quê.

E.M. México

- É hora de recortar! Cada aluno recorta o animal desenhado, contornando todas as suas voltinhas, com cuidado especial nas caudas, patas e orelhas. Se algum "acidente" acontecer, cola ou durex ajudam nos "curativos".
- É hora de construir! Utilizando caixas ou garrafas PET, recortadas no sentido do comprimento, a turma vai construir as embarcações, uma para cada grupo de quatro ou cinco alunos, decorando-as à vontade.
- Está faltando alguma coisa? O que os animais vão comer? Com novos desenhos, recortes e modelagens, a alimentação está garantida.

- É hora de embarcar! Se a turma tem cinco arcas e muitos animais para serem embarcados, o que fazer? Separar, juntar, contar, definir critérios são desafios lógicos necessários a uma boa organização.

Tudo pronto? Vamos partir!

Peixe vivo

> *Como pode um peixe vivo*
>
> *Viver fora d'água fria?*
>
> *Como pode um peixe vivo*
>
> *Viver fora d'água fria?*
>
> *Como poderei viver*
>
> *Como poderei viver*
>
> *Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?*
>
> *Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?*

As quadrinhas e canções folclóricas, tão em desuso na mídia em geral, devem ser resgatadas pela escola, que tem como uma de suas missões preservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural de um povo. Além da alegria que o canto traz e da valorização da nossa identidade, o *Peixe vivo* também ensina a ler e a escrever.

- Apresentar a letra da canção, com algumas sílabas em cores diferentes (VER em uma cor e RA e REI em outra), e lançar desafios:

  - Por que algumas sílabas estão coloridas?
  - Por que as cores são diferentes?
  - Qual é a letra que está presente em todas as sílabas destacadas?
  - Qual é o som dessa letra nas sílabas destacadas?

O objetivo dessa atividade é que os alunos percebam que uma mesma letra (no caso, o R) pode representar mais de um som, dependendo da sua posição na sílaba.

Num outro momento, ou talvez desdobrando em seguida a atividade, propor novos desafios com o R inicial e com a consoante dobrada.

E.M. México

PEI	XE

VI	VO

COM	PA	NHI	A

SEM

- Escolher palavras do texto para trabalhar com sílabas compostas por diferentes quantidades de letras, e palavras com número variado de sílabas:

Essa habilidade será mais bem construída se os alunos fizerem a leitura do texto, comparando as palavras e contando letras e sílabas.

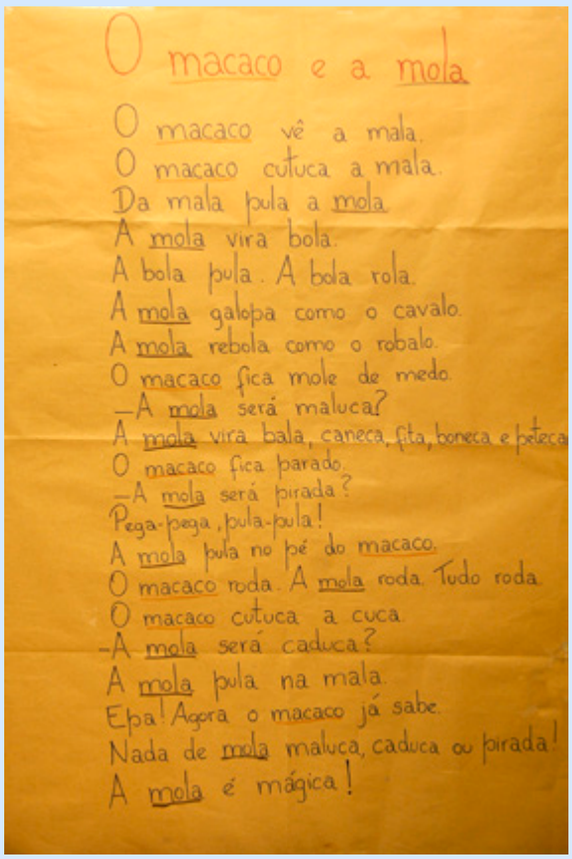
- A letra da música expõe um sentimento, expressado com interrogações:

  - Como pode .....?
  - Como poderei.....?
  - Qual é o sinal gráfico no texto que não é letra?
  - Por que usamos esse sinal?

As interrogações contidas no texto conduzem a uma comparação: do mesmo jeito que um peixe não pode viver fora da água, como poderei viver sem você?

Compreender e interpretar a mensagem do texto são habilidades fundamentais no ato de ler. Assim, é importante para os alunos:

  - Identificar o gênero textual.
  - Conversar sobre o que já conhecem do assunto.
  - Encontrar informações explícitas no texto.
  - Inferir as intenções do autor.



O macaco e a mola

O macaco vê a mala.
O macaco cutuca a mala.
Da mala pula a mola.
A mola vira bola.
A bola pula. A bola rola.
A mola galopa como o cavalo.
A mola rebola como o robalo.
O macaco fica mole de medo.
–A mola será maluca?
A mola vira bala, caneca, fita, boneca e peteca.
O macaco fica parado.
–A mola será pirada?
Pega-pega, pula-pula!
A mola pula no pé do macaco.
O macaco roda. A mola roda. Tudo roda.
O macaco cutuca a cuca.
–A mola será caduca?
A mola pula na mala.
Epa! Agora o macaco já sabe.
Nada de mola maluca, caduca ou pirada!
A mola é mágica!

E.M. Anne Frank

Nesse capítulo buscamos:

- Compreender as relações entre estruturas sonoras e escritas.
- Identificar elementos estruturais comuns nas músicas e nos poemas.
- Trabalhar as noções de sílaba, paradigmas e interrogação nas séries iniciais.
- Reconhecer diferentes gêneros textuais e suas funções: poema, letra de música, melodia e biografia.

Bibliografia

COELHO, N.N. *Literatura e linguagem*. São Paulo: Quíron, 1976.

_____. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

MORAES, V. *A Arca de Noé*. São Paulo: José Olympio Editora, 1980.

MORICONI, I. *A poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PAES, J.P. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *MULTIEDUCAÇÃO*. Rio de Janeiro: SME, 1996.

Situação-problema e desafio lógico

Faça comigo do seu olhar imensa caravela, que a vida é sempre descoberta.

Roseana Murray

Qual é o problema?

A resolução de problemas e a reflexão sobre eles são essenciais para a aprendizagem significativa dos conceitos matemáticos. Diante de situações-problema, os alunos constroem seus conhecimentos e são estimulados a "fazer matemática", isto é, eles se tornam capazes de formular e resolver por si questões matemáticas.

> *Fazer matemática é expor ideias próprias, escutar as dos outros, formular e comunicar procedimentos de resolução de problemas, confrontar, argumentar e procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltam para resolver problemas, entre outras coisas. Dessa forma as crianças poderão tomar decisões, agindo como produtoras de conhecimento e não apenas executoras de instruções.*

RCNEI, 1998, p.207

Mas a resolução de problemas não se reduz ao momento da aplicação do conteúdo estudado, nem deve ser usada apenas como motivação para a introdução de um novo assunto. Ela deve ser constante, ser o eixo central do ensino.

Resolver problemas implica interpretar, decidir, buscar, analisar, testar, validar procedimentos, investigar, argumentar, elaborar suas próprias hipóteses...

> *Lemos para fazer perguntas.*

Franz Kafka (apud MANOEL, Marise. Sujeitos da linguagem. *Revista da FAE*, v6, n1, janeiro/abril 2003)

A professora distribuiu vários objetos para a turma classificar em dois grupos, juntando os que fossem parecidos. Trabalho feito, ela se aproximou, perguntando aos alunos como haviam arrumado os materiais, ou seja, quais foram os critérios utilizados.

Um deles encontrou a seguinte saída para explicar o que havia feito:

– É que esse (apontando para um objeto) é a carinha desse (apontando para outro).

A perspectiva metodológica de resolução de problemas representa uma mudança de postura frente ao que significa ensinar Matemática nos dias atuais. Nesse processo, os alunos são convidados a comparar suas ideias, seus procedimentos e suas soluções com os dos colegas e são encorajados a comunicar suas dúvidas e descobertas. Eles também são estimulados a fazer estimativas. E por que é importante fazer estimativa? Durante muitos anos, o ensino da Matemática foi pautado quase que somente na aprendizagem dos cálculos exatos, esquecendo-se de que no dia a dia usamos muito mais as aproximações e estimativas, que são formas de calcular tão valiosas quanto as exatas.

- Quanto tempo levarei para chegar ao trabalho com essa chuva?
- Quantos bombons foram colocados nesta caixa?
- De quanto precisarei para duas semanas de férias?

Esses são apenas alguns exemplos de como pensamos matematicamente ainda que não necessitemos, sempre, de um cálculo exato.

> *Desde as primeiras experiências com quantidades e medidas, as estimativas devem estar presentes em diversas estratégias que levem os alunos a perceber o significado de um valor aproximado, decidir quando é conveniente usá-lo e que aproximação é pertinente a uma determinada situação, como, por exemplo, identificar unidades de medida adequadas às grandezas.*

PCN – Matemática, p.118 /119

> *Incentivar os alunos a buscar diferentes formas de resolver problemas permite uma reflexão mais elaborada sobre os processos de resolução, sejam eles através de algoritmos convencionais, desenhos, esquemas ou até mesmo através da oralidade.*
>
> *Aceitar e analisar as diversas estratégias de resolução como válidas e importantes etapas do desenvolvimento do pensamento permitem a aprendizagem pela reflexão e auxiliam o aluno a ter autonomia e confiança em sua capacidade de pensar matematicamente.*

Claudia Cavalcanti. In: *Ler, escrever e resolver problemas*, Artmed, p.121.

Smole e Diniz apontam a resolução de problemas como uma situação em que os alunos desenvolvem habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos em diferentes áreas do conhecimento.

Desde que entram na escola, os alunos devem ser estimulados a resolver diferentes tipos de problemas. Eles devem ser instigados também a desenvolver estratégias próprias de resolução que podem ser apresentadas oralmente e registradas através de desenhos ou, ainda, por escrito. No momento do registro, os alunos têm oportunidade de repensar sobre o que fizeram e quais foram as suas descobertas.

Ciep Agostinho Neto, professora Amália Araújo

Há diferentes modos de propor problemas na Alfabetização. Para resolvê-los, não é preciso que a criança já saiba ler ou escrever, já que muitos são os recursos que podemos utilizar no trabalho com resolução de problemas nessa faixa etária. Podemos problematizar situações do dia a dia, jogos, brincadeiras, para que os alunos pensem a respeito e resolvam as situações oralmente ou por meio de desenhos.

Os alunos também podem resolver situações a partir da análise de uma figura, um texto, um encarte de supermercado ou, ainda, a partir de uma tabela, um gráfico, uma propaganda de jornal. Usar adivinhas, receitas culinárias e até desafios com dobraduras de papel. O importante é não deixar de discutir com os alunos diferentes caminhos para se resolver um mesmo problema e criar momentos em que eles possam formular seus próprios problemas.

> *Nesse processo aproximam-se a língua materna e a matemática (...). O aluno deixa, então, de ser um resolvedor para ser um propositor de problemas, vivenciando o controle sobre o texto e as ideias matemáticas.*

Cristina Chica. In: *Ler, escrever e resolver problemas*, Artmed, p.151.

As adivinhas, também conhecidas como adivinhações ou "o que é, o que é", são perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem as crianças pensarem e se divertirem.

O que é, o que é que dá muitas voltas e não sai do lugar?

Resposta: o relógio

O que é que o pernilongo tem maior que o elefante?

Resposta: o nome

Sou uma ave bonita,

tente o meu nome escrever.

Leia de trás para frente

e o mesmo nome vai ver.

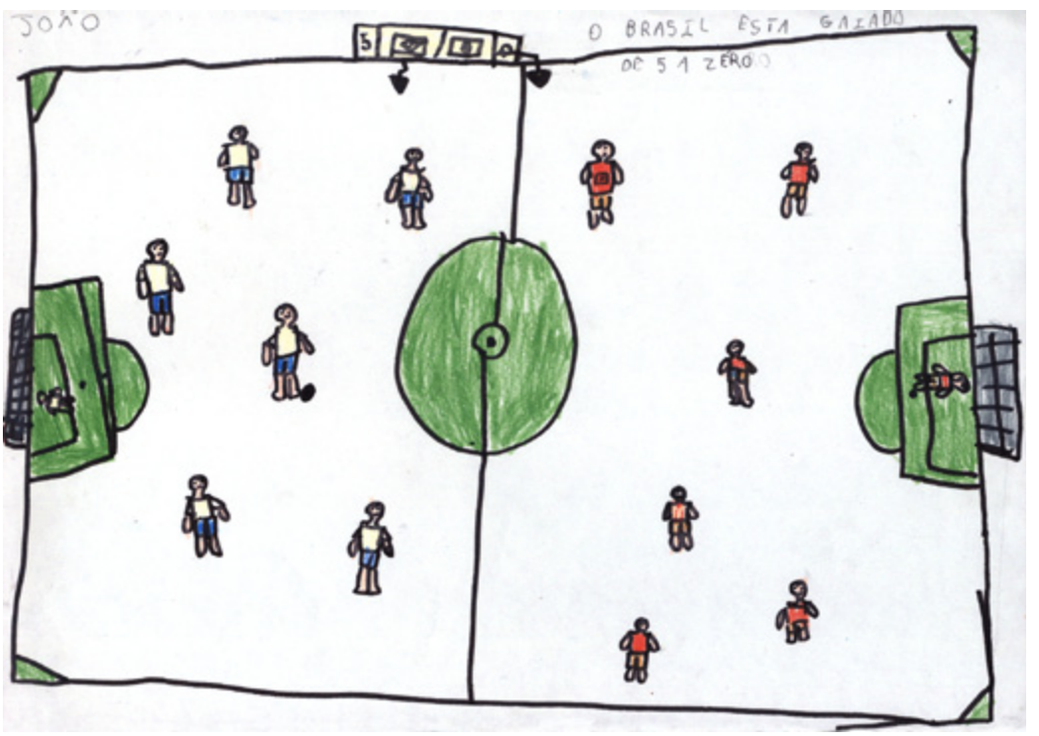
Resposta: arara

Podemos também trabalhar, na Alfabetização, com adivinhações utilizando as peças dos Blocos Lógicos.

- Qual é a peça?
- É da cor do céu.
- Tem três pontas.
- Não é grande.
- É fina.

Desenho da aluna Ana Clara

Ou, ainda, problematizar um desenho feito por um aluno.



Desenho do aluno João

- Quantas crianças participam desse jogo?
- Quantas dessas crianças não são goleiros?
- Você conhece alguma regra desse jogo?
- No futebol, usamos bola. Cite outras brincadeiras coletivas em que usamos bola.
- Qual a forma de um campo de futebol?
- Qual o seu time do coração?
- Quais as cores da bandeira do seu time?
- Procure no jornal uma reportagem sobre futebol e responda: De que jornal você retirou a notícia? Qual o título da notícia?
- Crie uma adivinha que tenha como resposta: BOLA.
- Quantas letras tem a palavra BOLA? Qual a primeira letra? E a última? Quantas sílabas tem essa palavra?
- Escreva três palavras que iniciem com a primeira letra da palavra BOLA. Agora, escreva duas que comecem com a primeira sílaba dessa palavra.
- Escreva uma palavra que rime com a palavra BOLA.
- Escreva um acróstico com a palavra BOLA. Você sabe o que é acróstico? É uma composição poética cujas letras iniciais, intermediárias ou finais formam palavras ou frases, mas estas devem estar relacionadas à ideia básica que você pretende comunicar a respeito do nome escolhido.

Agora, veja o relato de um trabalho defendido com uma turma de 1º ano, a partir do estudo das obras *A feira I*, de 1924, e *A feira II*, de 1925, da grande artista brasileira Tarsila do Amaral.

Inicialmente, os alunos foram estimulados a descrever as obras apresentadas e a "ler" uma pequena biografia da artista.

> *Tarsila do Amaral nasceu em uma fazenda no interior de São Paulo, em 1886. Passou sua infância em total liberdade, convivendo com a natureza e muitos animais. Desde criança, gostava muito de desenhar; entretanto, só iniciou sua carreira artística com 30 anos de idade. Ela registrou em parte de sua obra as lembranças da infância, de um Brasil interiorano e rural, com muitas árvores e muitos animais. Tarsila também explorou, em suas obras, uma diversidade de estilos, formas, cores e temas. Exaltou a natureza tropical, a harmonia, a cultura brasileira.*

Os alunos também acessaram o site oficial da artista: www.tarsiladoamaral.com.br, onde tiveram oportunidade de conhecer um pouco mais sobre sua vida e obra.

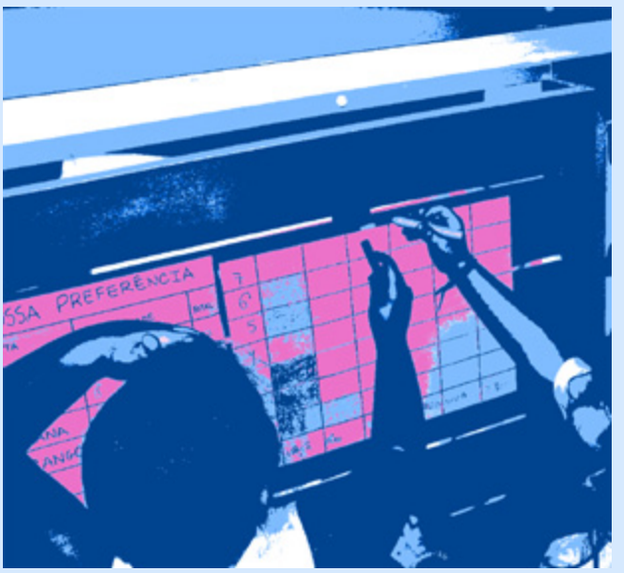
A partir daí, muitas foram as atividades desenvolvidas.

Compararam os dois quadros, *A feira I* e *A feira II*, destacando as semelhanças e as diferenças entre eles. Listaram as frutas que figuram nas duas obras e a quantidade em que aparecem em cada quadro. Quantos abacaxis? Quantas outras frutas? O que há mais, abacaxis ou outras frutas?

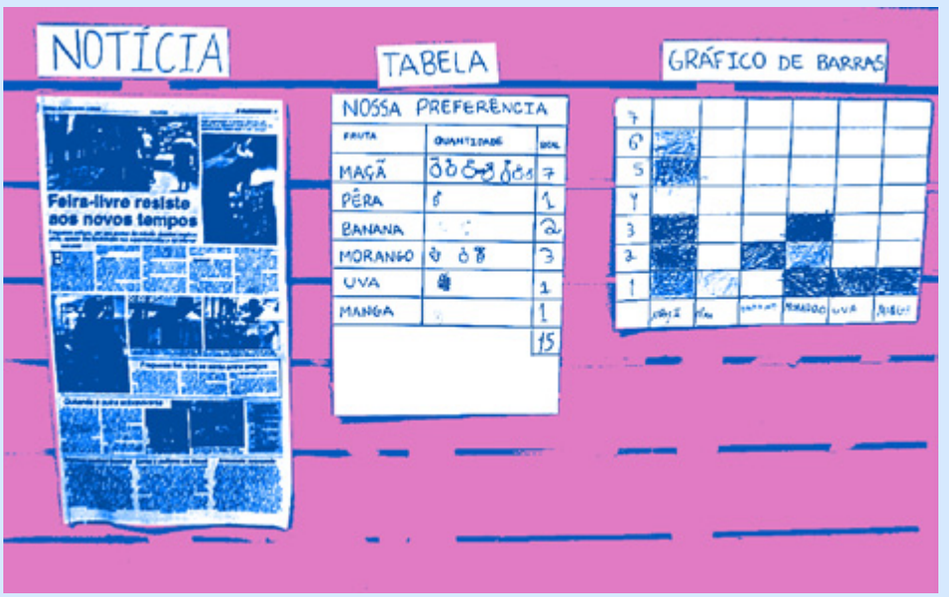
Os alunos também resolveram muitos problemas e foram incentivados a criar outros, ao estudar o valor nutritivo das frutas e ao elaborar duas receitas culinárias: musse de limão e doce de banana.

Eles montaram um ABC das frutas e fizeram uma visita a uma feira no bairro. Essa excursão forneceu uma grande quantidade de problemas relacionados a números, estimativas, sistema monetário, medidas, operações numéricas e muitos outros problemas não numéricos. Eles levaram uma lista com as frutas que deveriam comprar, observaram os preços e anotaram com desenhos e escrita espontânea o que poderiam comprar na feira além das frutas.

Construíram também uma tabela a partir de uma pesquisa feita sobre as frutas preferidas de cada aluno da turma. Montaram e analisaram coletivamente o gráfico de barras obtido, além de brincar de "o que é, o que é?", tendo como respostas das questões diferentes frutas.



Fotos tiradas durante atividade realizada com alunos da Alfabetização



Fotos tiradas durante atividade realizada com alunos da Alfabetização

Eles ainda resolveram muitas situações-problema, entre elas:

- Fui à feira comprar frutas. Cheguei lá e percebi que havia esquecido o dinheiro em casa. O que fazer?
- Minha mãe foi à feira e comprou três maçãs, duas mangas e quatro bananas para preparar uma salada de frutas. Quantas frutas ela comprou?
- Lucas levou para a escola 12 laranjas para dividir com sua turma. Sabendo que na turma há 16 crianças, o que Lucas pode fazer?
- Maria tem seis bananas e quer dar a mesma quantidade para os dois amigos. Quantas bananas ela vai dar para cada amigo?
- Uma maçã custa dois reais. Maria comprou duas maçãs. Quanto ela vai pagar?

Problema resolvido pela aluna Beatriz

Problema resolvido pela aluna Lara

Deixamos como sugestão duas outras atividades para a conclusão do projeto. A primeira é a criação, pela turma, de um caderno de receitas com frutas (este deve ter índice, o nome das receitas e vir em ordem alfabética). A segunda é a leitura do livro *Saladinhas de queixas*, de Tatiana Belinky (editora Moderna), que relata uma divertida história em que frutas se reúnem para se queixar da injustiça de ter seus nomes usados como insultos por algumas pessoas. Por exemplo, no texto, o abacaxi recusa-se a ser sinônimo de algo complicado.

> *Uma grande descoberta resolve um grande problema, mas, na resolução de todos os problemas, há sempre descobertas. O problema pode ser modesto, mas se ele desafia a curiosidade e põe à prova a inventividade do aluno, este poderá experimentar o encanto da descoberta e a sensação do sucesso.*

Polya

Mão na Massa

As sugestões de atividades aqui propostas podem ser realizadas com toda a turma, em pequenos grupos, em duplas ou até individualmente, conforme o caso.

E.M. México

- Que tal explorar a solução e a criação de diferentes problemas a partir da contação de uma história? A atividade *Histórias para construir cenas* é ótima para trabalhar com questões de lógica. Por exemplo, pedir aos alunos que desenhem frutas: maçãs verdes e vermelhas, laranjas, bananas verdes e maduras e cajus.

  Utilizar esse material para construir uma cena a partir das informações dadas no seguinte texto: Usei, para elaborar uma receita, dez frutas: duas laranjas, três bananas, quatro maçãs e o restante, cajus. Duas dessas maçãs eram verdes, e as demais, vermelhas. Nenhuma banana estava madura.

  Após a criação da cena, podemos problematizar:

  - Quantas frutas usei para fazer essa receita?
  - Quantos cajus usei na receita?
  - Qual a fruta que usei em maior quantidade na receita?
  - Quantas bananas verdes usei para fazer a receita?
  - E quantas maçãs vermelhas usei?
  - Entre as frutas usadas, de qual você mais gosta?

  Podemos pedir, também, que os alunos criem coletivamente suas próprias histórias. Nesse momento, o professor faz o papel de escriba.

- Trabalhar a elaboração de uma receita, por exemplo, a de suco de maracujá. E problematizar durante e após a feitura.

  - Quais são os ingredientes?
  - Como retiro a polpa do maracujá?
  - Como é o preparo desse suco?
  - Essa receita fornece quantos copos de suco?
  - Como proceder se quisermos fazer o suco para 12 pessoas, sabendo que o rendimento de cada receita é quatro copos?
  - O que fazer se quisermos transformar esse suco em sorvete?

E.M. México

Ao final da atividade, pedir para os alunos registrarem no caderno a receita: título, ingredientes, modo de preparo e rendimento.

E.M. México

- Trabalhar a criação de problemas de diferentes maneiras.

  Podemos dar uma gravura retirada de jornal ou revista e pedir para os alunos elaborarem, oralmente, perguntas sobre a imagem. Podemos, também, oferecer uma lista em que foram expostos vários produtos e seus respectivos preços (os produtos devem ter preços diferentes). Propor, por exemplo, a solução dos seguintes problemas:

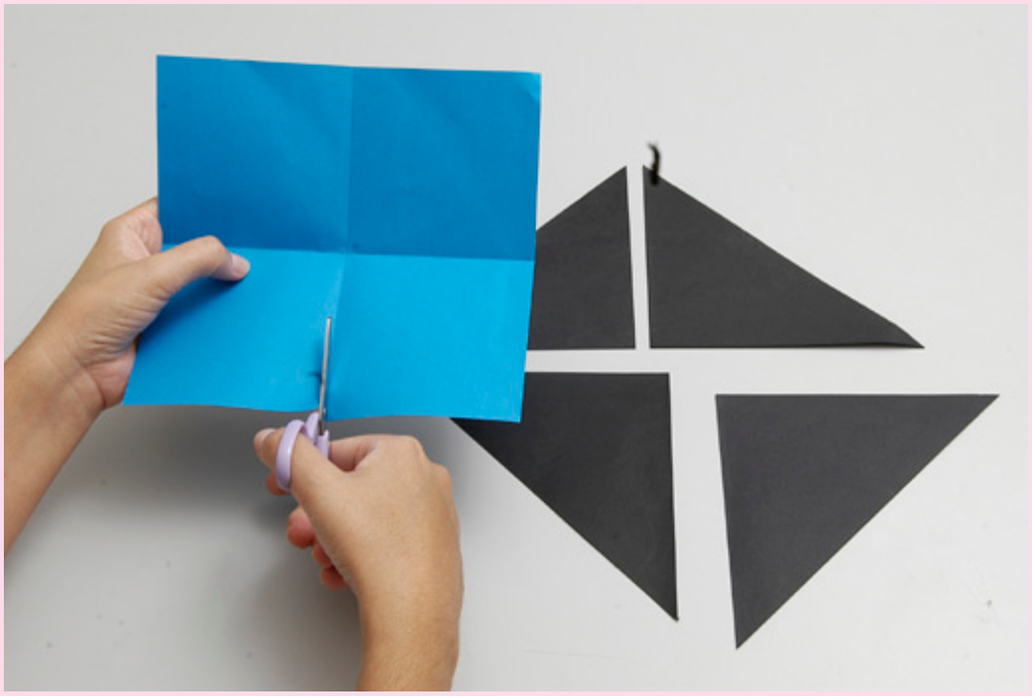
  - Qual o produto mais caro? E qual o mais barato?
  - Quais desses produtos custam mais que dois reais?
  - Escolha dois desses produtos. Quanto você gastaria se comprasse os dois?
  - Quais dos produtos anunciados você compra a litro? E a quilo?
  - Escolha um desses produtos e faça uma propaganda.
  - Quais desses produtos são industrializados?

  Outra ideia é dar um problema e pedir para a turma criar outras perguntas para o mesmo problema. Ou, ainda, dar uma tabela de preços e a resposta de um problema, por exemplo: gastei no total oito reais. E os alunos devem enunciar um problema que tenha como solução essa resposta.

- Propor aos alunos uma atividade que envolva dobraduras de papel e jogo.

    - Dobrar uma folha de papel quadrangular em duas partes iguais. Recortar. Que forma você obteve?
    - Pegar outra folha igual à anterior e dobrar em duas partes iguais, de forma diferente da dobra anterior. Recortar. Que forma você obteve?
    - Pegar mais uma folha igual às anteriores, dobrar em quatro partes iguais e recortar. Que formas você obteve?

Juntando todas as formas, obteremos um quebra-cabeça com oito peças. Com ele, você, professor, pode criar muitos problemas e desafios interessantes para serem resolvidos por seus alunos.



E.M. México

Nesse capítulo buscamos:

- Identificar, compreender e utilizar os números e as ideias contidas nas quatro operações fundamentais.
- Desenvolver o raciocínio lógico na etapa da Alfabetização.
- Vivenciar situações de medição.
- Estimar quantidades.
- Identificar e utilizar em situações cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro.
- Analisar e interpretar diferentes tipos de texto.
- Resolver, interpretar e criar situações-problema.

Bibliografia

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - Matemática. Brasília: MEC, 1996.

FURNARI, Eva. *Adivinhe se puder*. São Paulo: Moderna, 2002.

MANOEL, Marise. Sujeitos da linguagem. *Revista da FAE*, v6, n1, janeiro/abril 2003.

MURRAY, Roseana. *Receitas de olhar*. São Paulo: FTD, 1997.

POLYA, G. *A arte de resolver problemas*. Rio de Janeiro: Interciências, 1978.

POZO, J.I. (org.). *A solução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

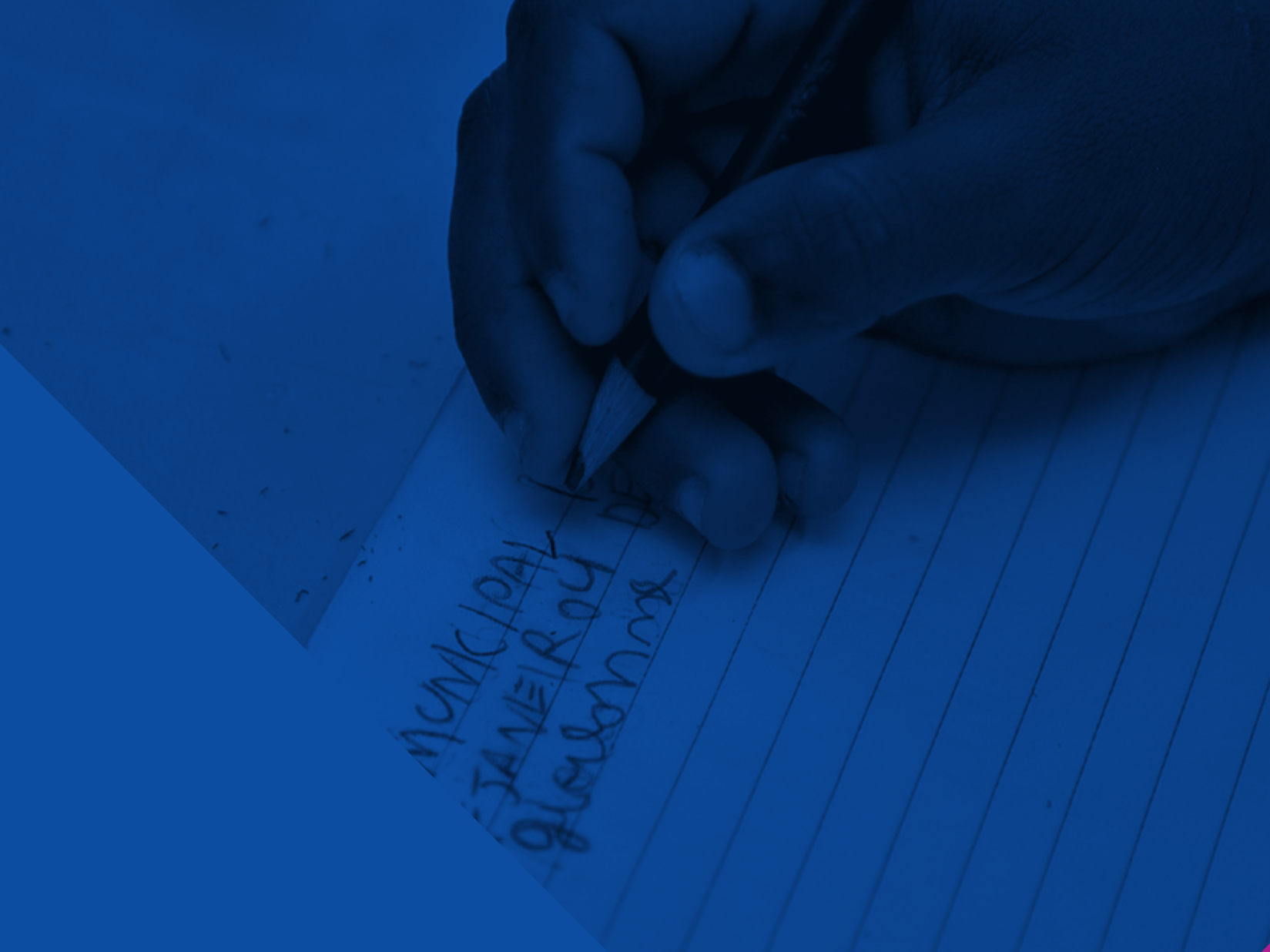
RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998.

SMOLE, Katia; DINIZ, Maria (orgs.). *Ler, escrever e resolver problemas*: habilidades básicas para aprender Matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMOLE, Katia; DINIZ, Maria; CÂNDIDO, Patrícia. *Resolução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Site

www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/adivinhas.htm



RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil
CEP 22260-210 • Central de Atendimento ao Cidadão: 1746
Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br